

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PEDREIRAS – CESPE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
DO CESPE

Pedreiras-MA
2015

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PEDREIRAS – CESPE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
DO CESPE**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PEDREIRAS – CESPE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

REITOR

Prof. Dr. Gustavo Pereira da Costa

VICE – REITOR

Prof. Me. Walter Canales Sant'ana

PRO-REITORA DE GRADUAÇÃO – PROG

Prof. Dra. Andréa de Araújo

PRO-REITOR DE PLANEJAMENTO E PESQUISA – PROPLAN

Prof. Antônio Roberto Coelho Serra

PRO-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO – PRA

Prof. Gilson Martins Mendonça

PRO-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG

Prof. Marcelo Cheche Galvez

PRO-REITORA DE EXTENÇÃO, CULTURA E ASSUNTOS DA COMUNIDADE

Prof. Msc. Dr. Porfirio Candanedo Guerra

DIRETORA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PEDREIRAS – CESPE

Prof. Esp. Carmem Lúcia de Moraes Costa

DIRETORA DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - CESPE

Prof. Esp. Francisca Cilene Franco da Silva

Pedreiras – MA

2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA

PRO-REITORIA DE GRADUAÇÃO

Prof. Creusimar Leitão Siqueira
Coordenadora Técnico-pedagógica

Prof. José Fernando Rodrigues Bezerra
Chefe da Div. de Acompanhamento e Avaliação do Ensino

Prof. Esp. Conceição de Maria Neiva Pachêco
Chefe da Div. de Estágio e Monitoria

Pedreiras – MA
2015

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	6
2 JUSTIFICATIVA	9
3 O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DO CURSO DE LETRAS DA UEMA/CESPE	11
3.1 Universidade Estadual do Maranhão - UEMA.....	13
3.2 O município de Pedreiras	15
3.3 Históricos do Centro de Estudos Superiores de Pedreiras-CESPE	16
4 O CURSO PROPOSTA E PERSPECTIVA	17
4.1 O curso e sua filosofia da educação.....	17
4.2 O curso de letras do CESPE perante a nova legislação educacional brasileira.....	17
4.3 Missão do curso de letras.....	20
4.3.1 Objetivos do curso.....	21
4.3.2 Objetivos específicos.....	21
4.4 Titulação conferida pelo curso	21
4.5 Desafios do curso e do próprio CESPE.....	22
4.6 Demandas, vagas, turmas e turno de funcionamento do curso.....	25
4.7 Perfil do Egresso.....	25
4.8 Competências e habilidades do futuro professor de letras	25
5 GESTÃO ACADEMICA DO CURSO	29
5.1 Colegiado do curso	30
5.2 Núcleo Docente Estruturante - NDE.....	30
5.3 Avaliação Curricular: resultados das avaliações na melhoria da qualidade do curso	31
5.4 Avaliação Interna.....	32
5.5 Avaliação externa	32
6 CURRÍCULO DO CURSO	34
6.1 Princípios norteadores da organização curricular.....	34
6.2 Princípios epistemológicos	35
6.3 Fundamentos didáticos-pedagógicos.....	37
6.4 Princípios e dinâmica organizacional para o currículo.....	38
6.5 Estrutura pedagógica do curso de letras	39
6.6 Regime escolar	41
6.7 Estrutura curricular	41
6.8 Disciplinas de formação específica	45
6.9 Conteúdos de formação específica em letras.....	46
6.9.1 Disciplinas comuns e outros cursos.....	47
6.9.2 Disciplinas livres	47
6.9.3 Ementários e referencias das disciplinas do curso.....	48
6.9.4 Prática como componente curricular	68
6.10 Atividades acadêmico-científico-culturais/AACC.....	68
6.11 Estágio supervisionado na licenciatura em letras	69
6.12 Pesquisa e extensão no curso de letras	72
6.13 Trabalho de conclusão de curso-TCC	74
7 RECURSOS HUMANOS	76
7.1 Docentes	76
7.2 Gestão academica	76
7.3 Técnicos administrativos	76
7.4 Acervo bibliográfico.....	77
7.5 Infraestrutura do curso.....	77
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79

REFERÊNCIAS 80
ANEXOS 8

1 APRESENTAÇÃO

A elaboração de um projeto requer clareza uma vez que se trata de um instrumento para transformar ideia em ação. Isto é, há um ideal que se pretende construir que é feito através do diagnóstico da prática. Há para isto um planejamento, que é visto como um processo científico de investimento na realidade. Assim, diz Gandin (1994, p.27): “Quando as pessoas – e as instituições organizam e decidem sua prática, para, de alguma forma intervir na realidade, utilizam um esquema – padrão de pensamento”.

Como instrumento capaz de apontar para as metas a ser desenvolvidas por uma instituição, o Projeto Pedagógico, como a própria nomenclatura designa, objetiva possibilitar a capacidade de se transformar ideias em ação. Prescrever um projeto político-pedagógico implica trabalhar com planejamento, entendendo-se planejamento como um processo científico de transformação da realidade.

Dessa forma, o Projeto Pedagógico do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – Centro de Estudos Superiores de Pedreiras – CESPE é resultado das experiências didático-pedagógicas desenvolvidas na Instituição em parceria com seu corpo docente, discente e administrativo, visto que o ato pedagógico envolve todos os segmentos de uma instituição. O ponto de maior interesse deste planejamento é a formação de profissionais do Curso de Letras que, conscientes da sua função social, desempenharão habilidades de reflexão e crítica, visando à autonomia de pensamento e à apropriação de sua realidade concreta, tornando-os agentes transformadores de seu meio.

A área de Letras, abrigada nas Ciências Humanas, de acordo com a Proposta de Diretrizes Curriculares, põe em relevo a relação dialética entre o pragmatismo da sociedade moderna e o cultivo de valores humanísticos.

Considerando esses pressupostos, o Curso de Letras objetiva formar profissionais interculturalmente competentes, capazes de refletir criticamente sobre temas e questões relativas aos estudos linguísticos e literários, a fazer uso de novas tecnologias e a compreender sua formação profissional como processo contínuo, autônomo e permanente.

Desse modo, este Projeto pretende proporcionar aos profissionais em formação do Curso de Letras condições para que desenvolvam as competências e as

habilidades relacionadas a essa área a fim de que seja viável a sua inserção no mercado de trabalho e estimulados a servirem como agentes de transformação da realidade social, reconstruindo-a e/ou construindo outra.

Traçou-se um perfil de curso e de profissional para que se possa compreender o tipo de educador de que se necessita para desempenhar suas atividades em sociedade.

Antes de tudo, o profissional de Letras deverá estar compromissado com a ética, com a responsabilidade social e educacional, e com as conseqüências de sua atuação no campo de trabalho. Finalmente, deverá ampliar o senso crítico necessário para compreender a importância da busca permanente da educação continuada e do desenvolvimento profissional.

Pode-se dizer que a construção de qualquer projeto depende de uma participação efetiva entre todos os elementos envolvidos. Registra-se que este projeto representa um conjunto de propostas que expressam "*rupturas com o presente e promessas para o futuro*", para lembrar GADOTTI (1995, p. 579), para quem:

[...] Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente.

Um fator preponderante na elaboração deste projeto foi a revisão do processo de reestruturação curricular do Curso de Licenciatura Plena em Letras. Os aspectos curriculares destacados neste documento reportam-se ao novo currículo a ser adotado pelo Curso de Letras, pois esse instrumento, na verdade, viabiliza e concretiza o Projeto Pedagógico. Portanto, é necessário que se amplie o conceito de currículo concebendo-o como construção cultural que propicie a aquisição do saber de forma articulada. Ou ainda, como todo e qualquer conjunto de atividades acadêmicas que integralizam um curso e que deve ser pensado desde o micro até o macro espaço da universidade, observando-se a correlação com o sistema educacional da sociedade brasileira e as necessidades globais e individuais dos alunos, para que estes possam, dessa maneira, contribuir para a transformação e desenvolvimento do seu meio social.

Como proposta de trabalho, este projeto destina-se à melhoria da organização didático-pedagógica do Curso de Letras, ou seja, a qualidade da formação plena do aluno em termos científico-culturais, profissionais e de cidadania.

2 JUSTIFICATIVA

Este Projeto vem suscitar em seu tecido textual todas as reformas curriculares ocorridas na decorrência do ano 2012 a 2015, buscando uma unificação curricular entre os campus universitários contidos nesta unidade federativa – a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), é uma instituição destinada à Educação Superior, produtora de novos conhecimentos que subsidiarão a construção de uma sociedade crítica e dinâmica, buscando a plena inserção social na região onde está situada e comprometida com o progresso do HOMEM, enquanto ser humano que convive com as contradições e peculiaridades do seu espaço e do seu tempo.

A distância dos centros culturais e educacionais do país tem obrigado os jovens do Maranhão a buscar em outros Estados a sua formação em nível superior e, não raro, esses jovens, uma vez concluídos seus estudos, acabam por permanecer em outras cidades criando uma situação de defasagem profissional no Maranhão.

Portanto o Projeto Pedagógico do Curso de Letras deverá assim preencher lacunas de conhecimento e de formação profissionais decorrentes tanto da evolução da sociedade como das novas exigências do mercado de trabalho. Dessa forma, os princípios norteadores deste Projeto seguem os do Projeto Pedagógico da UEMA, no que se referem às seguintes dimensões: sociopolítica (privilegiando o enfoque crítico-reflexivo da realidade e do conhecimento); sociocultural (detendo-se em situações de ensino-aprendizagem); técnico-científica (evidenciada nos fundamentos científicos que embasam os conteúdos do Curso); técnico-profissional (privilegia o aprimoramento das habilidades, capacidades e competências inerentes ao exercício da profissão de educador).

Tal visão exige, como paradigma delineador de outros a transdisciplinaridade, uma vez que há de se buscar a construção de licenciados, cujas atitudes analíticas, reflexivas e questionadoras coloquem em pauta o próprio conhecimento e novas formas de aprendizagem. Neste sentido numa dimensão micro, levando em conta a importância do Centro de Estudos Superiores de Pedreiras – CESPE, elaborou-se a nível de região, a missão e a filosofia do curso, tal como a revisão, atualização curricular e as estratégias para operacionalização de futuras ações que transformem o fazer pedagógico num processo realmente comprometido com a formação holística do graduando em Letras.

Com esse propósito, o projeto assume o seu caráter político ao pretender formar professores para atuarem na formação de crianças e jovens e que estes sejam sujeitos de sua própria história, principalmente no campo da aprendizagem e, que os mesmos sejam conseqüentemente, participativos do processo educacional do município de Pedreiras e região do médio mearim. Portanto entende-se, que registrar as intencionalidades, que objetivam a melhoria do ensino de Letras não são suficientes, sendo necessária a conscientização e mobilização de todos em rumo a uma transformação mais radical do modelo de ensino que ora vivenciamos.

Face esta constatação nacional e estadual, para atender a necessidade de melhoria dos recursos primários do nosso município é que o Centro de Estudos Superiores de Pedreiras – CESPE propõe a efetivação do Curso de Licenciatura em Letras, com característica peculiar à nossa região. Contudo não deixando de levar em consideração os êxitos obtidos, pela população de nossos jovens que, após, formarem-se neste curso do CESPE/UEMA, já ocupam vários cargos, nas demais instituições de nossa região tais como: escolas, bancos, financeiras, lojas, correios e empreendedorismo.

3 O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DO CURSO DE LETRAS DA UEMA/CESPE

Reportando ao contexto sociogeográfico maranhense, necessária se faz uma breve análise sobre os dados do IBGE, acerca do Estado do Maranhão. Ele é o segundo em extensão territorial da região Nordeste, ocupando uma superfície de 331.938.293 Km², com 80% de seu território na Amazônia Legal, que lhe confere uma condição de zona de transição. O Meio-Norte conta com 217 municípios, dos quais 81 criados no período de 94/95 e que estão agrupados pelo IBGE em 05 grandes Mesorregiões e 18 Microrregiões. Tinha uma população estimada de 6.850.884 habitantes, segundo contagem do IBGE em 2014. Os municípios mais populosos eram: São Luís, com 1.064.197 habitantes, Imperatriz, com 252.320, Caxias, com 160.291, Santa Luzia, com 75.762, Timon, com 163.342 e Bacabal, com 102.265 habitantes. Conforme se pode observar, São Luís concentra 15% da população estadual, com uma densidade demográfica que evoluiu de 696.371 hab/Km² em 1991, para 1,014,837 hab/Km², em 2011, sendo em 2014 da ordem de 1,215,69 hab/Km². O Maranhão é um dos estados brasileiros de população rural mais expressiva, contando ainda hoje com 48% de seus habitantes residentes no campo, o que dá à economia maranhense uma predominância no setor primário.

O Maranhão, como quase todos Estados que estão inseridos na região Nordeste, encontra-se, ainda, na incômoda posição de um dos maiores índices de analfabetismo. De acordo com a análise do IBGE e do PNAD (2013), tinha em 2003 uma taxa de analfabetismo de 21,7% e, em 2013, 17,9%. Convém destacar que o Maranhão contava, nos anos 80, com uma taxa de analfabetismo que atingia quase metade de sua população (49,7%), reduzindo-se, em 2003 para 21,7% e em 2013 para 17,9%, segundo dados dos Censos Demográficos de 2003 e 2013 e PND 2013. O Relatório de Desenvolvimento Humano revelava igualmente que o Maranhão demonstrava o segundo maior índice de escolaridade média (2,8 anos de estudo), superando apenas o Piauí (2,7 anos), situando-se bem abaixo do Nordeste (4 anos) e do Distrito Federal (7,5 anos).

Portanto o Centro de Estudos Superiores de Pedreiras – CESPE, geograficamente está localizado em Pedreiras que é um município brasileiro do estado do Maranhão. “Localiza-se a uma latitude 04°34’08 sul e a uma longitude 44°35’31”

oeste, estando a uma altitude de 0 metros. Sua população é de aproximadamente 38.562 habitantes (Censo 2014). Possui uma área de 288,432 km².

Pedreira é interligada a Trizidela do Vale, um antigo bairro emancipado, pela Ponte Francisco Sá. Pedreiras também é berço de pessoas ilustres como João do Vale, o ex-governador do Maranhão, Jackson Lago, entre outros. Com relação à educação o IDEB é um índice que combina o rendimento escolar às notas do exame Prova Brasil, aplicado a crianças do 5º e 9º ano, podendo variar de 0 a 10. Este município está na 3.897.^a posição, entre os 5.564 do Brasil, quando avaliados os alunos do 5º ano, e na 3.643.^a, no caso dos alunos do 9º ano. O IDEB nacional, em 2013, foi de 4,0 para os anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas e de 3,3 para os anos finais. Nas escolas particulares, as notas médias foram, respectivamente, 6,2 e 5,3

O Município foi fundado em áreas de fazendas escravistas e dos índios Pedras Verdes que habitavam a região. Em meados do século XX foi um dos maiores polos produtores de arroz do interior do estado do Maranhão. Nos dias de hoje, Pedreiras destaca-se por um comércio ativo e centro econômico e Judicial da região do médio Mearim. Região, inclusive, que leva o nome do rio que banha a cidade.

É sede de comarca do Poder Judiciário, com jurisdição sobre as cidades de Pedreiras, Trizidela do Vale e Lima Campos. Em Pedreiras também se encontra a sede do Ministério Público Estadual e da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), subseção de Pedreiras.

As avaliações do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – SEAB, do Ministério da Educação, em 1995, mostrava o Maranhão como o Estado de pior desempenho nacional, com uma média de acertos de 53,3%, enquanto Brasília tinha um percentual de 66,1%. No entanto, a incômoda situação de analfabetismo é devido às condições precárias de ensino e a má qualidade de professores leigos existentes no interior do Estado.

3.1 Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

A Universidade Estadual do Maranhão - UEMA tem sua origem na Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM criada nos termos da Lei nº 3.260/72, com o objetivo de coordenar e integrar os estabelecimentos isolados do sistema educacional superior do Maranhão.

A FESM foi constituída, inicialmente, de quatro Unidades de Ensino Superior: Escola de Administração; Escola de Engenharia com as habilidades Civil e Mecânica; Escola de Agronomia e Faculdade de Educação de Caxias, incorporando em 1975 a escola de Medicina Veterinária e em 1979 a Faculdade de Educação de Imperatriz.

A UEMA foi criada através a da Lei nº 4.400/81. Instituída sob a forma de autarquia de natureza especial. É instituição de direito público, com autonomia didático-científica e patrimonial, de acordo com o que preceitua o Art. 272 da Constituição Estadual, cujo funcionamento foi autorizado pelo Decreto Federal 94.143, de 25 de março de 1987. De acordo com a referida Lei a UEMA tem as seguintes finalidades:

- ⇒ Oferecer educação de nível superior, formando profissionais técnicos-científicos, tendo em vista os objetivos nacionais, estaduais e regionais;
- ⇒ Dinamizar a produção científica e a renovação do conhecimento humano, através da pesquisa voltada, sobretudo, para a realidade regional;
- ⇒ Promover a participação da comunidade nas atividades de cultura, ensino e pesquisa;
- ⇒ Organizar a interiorização do ensino superior, através da criação de cursos notadamente de Agronomia e Veterinária para fazer face à peculiaridade do mercado de trabalho regional.

A realidade absolutamente precária em relação à qualidade de ensino fundamental e médio no Estado do Maranhão com aproximadamente 86% do quadro Governo do Estado, através da Secretária de Estado da Educação, implantou no ano de 1992, o Programa de Capacitação de Docentes - PROCAD da Rede Pública Oficial de Ensino. Na oportunidade, pela Resolução nº 100 – CONSUN/UEMA de 19 de novembro de 1992 foram criados os cursos de licenciatura que seriam desenvolvidos neste Programa.

O programa foi iniciado no ano de 1992, oferecendo cursos de Licenciatura em Pedagogia, Letras e em Ciências. Os cursos que atenderam o programa passaram a funcionar em dois regimes: um, em regime intensivo, denominado parcelado, para atender a programas especiais da Universidade, composto por módulos de disciplinas ministradas durante as férias escolares permitindo a participação dos professores oriundos dos municípios sedes dos campi da Universidade e de municípios circunvizinhos; e outro, denominado regular, oferecido durante o ano letivo da Universidade, com funcionamento noturno, dirigido, preferencialmente, para a clientela de professores sem formação pedagógica em nível superior, residentes nos municípios

sedes dos campi da Universidade, previsto para realização do Programa, tendo em vista as facilidades de locomoção.

No primeiro semestre de 1993, o Curso de Pedagogia iniciou suas atividades didático-pedagógicas com a realização do vestibular especial para professores da rede oficial de ensino que não possuíam habilitação em nível superior. Em 1995, foi criado o CECEN – Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais que absorveu os cursos do PROCAD. Considerando a grande procura por estudantes que pertenciam à rede oficial no cargo de professor, o Curso de Pedagogia passou a ser ministrado regularmente no turno noturno, com habilitação em magistério, reconhecido pela Resolução nº 112/2000 – CEE.

Diante do crescimento da UEMA, houve a necessidade de mudar sua estratégia administrativa. Em 1994, as antigas Unidades de Ensino foram transformadas em Centros. A estrutura organizacional da UEMA se encontra da seguinte forma, em Centros de Estudos espalhado em todo o estado do Maranhão.

Com a atual estrutura, a Universidade Estadual do Maranhão encontra-se espalhada em vários municípios do Estado do Maranhão.

A Universidade Estadual do Maranhão, sendo uma instituição de educação superior, formadora de profissionais com capacidade de tomar decisões adequadas nos diferentes aspectos da realidade social e profissional: humanístico, técnico e científico, propõe-se a renovar o conhecimento humano através da articulação ensino-pesquisa-extensão, voltado para atender às necessidades da realidade regional e nacional.

Nessa perspectiva, busca-se implantar atividades de interiorização do ensino superior, criando cursos que atendam ao desenvolvimento científico, técnico, cultural e humano exigido pelo processo de transformação da sociedade.

Essa tendência orientadora da UEMA, como instituição de educação superior, corresponde ao que preconiza a Lei Darcy Ribeiro, nº 9.394/96; ou seja, “estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e os regionais; prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade”, bem como as recomendações oriundas da comissão internacional sobre educação para o século XXI, incorporadas nas determinações da referida lei:

- a) a educação deve cumprir um triplo papel: científico, cultural e econômico;
- b) a educação deve ser estruturada em quatro alicerces indissociáveis: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser.

3.2 O município de Pedreiras

O território de Pedreiras já era habitado pelos cidadãos Cel. Joaquim Pinto Saldanha, João Emiliano da Luz e José Carlos de Almeida Saldanha, no local onde hoje está situada a cidade, fixaram suas residências. Fizeram-se acompanhar por nacionais e escravos e exerciam suas atividades comerciais e industriais-agrícola. Atendendo ao desenvolvimento em geral, passou a localidade a denominar-se "povoação".

O ano de 1877 foi considerado de grande importância para a povoação de Pedreiras, com a chegada de mais de cem famílias nordestinas, perseguidas pelas secas, chefiadas pelo cearense Joaquim José de Oliveira, fizeram roças desde o Anjo da Guarda até o Porto Grande, daí em diante foi comprovada a fertilidade daquelas terras e para ali se deslocaram novas bandeiras das quais faziam parte: Jose Carlos de Almeida Saldanha, Raimundo Nonato de Araújo, Francisco Messias da Costa, José Evangelista Pereira Soares, João Emiliano da Luz, Joaquim Pinto Saldanha, Mariano Martins Lisboa, Raimundo Cesar de Sousa, Severo Teodoro Pires, Simão Titarra Henrique, Jeremias Batista Caldeiras, Tiago Duarte Soeiro, Luís Manoel de Almeida e Augusto Ferreira.

Atribui-se que o nome de Pedreiras é oriundo do grande bloco de pedras existentes na margem esquerda do Rio Mearim, distante da cidade aproximadamente três quilômetros. O aludido bloco é tido como objeto de turismo, pois a ele ocorrem muitas pessoas, especialmente estudantes, na época das férias, onde costumam realizar piqueniques e folguedos.

Elevado à categoria de vila e distrito com a denominação de Pedreiras, pela lei provincial nº 1453, de 04-03-1889, desmembrado de São Luiz Gonzaga. Sede na atual vila de Pedreiras. Instalado em 19-04-1890. Pela lei municipal nº 15, de 06-01-1896, é criado o distrito de Pau d Arco e anexado a vila de Pedreiras. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 2 distritos: Pedreira e Pau d`Arco. Pela lei estadual nº 947, de 27-04-1920, a vila de Pedreiras é elevada à condição de cidade.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município aparece constituído do distrito sede. Não figurando o distrito de Pau d Arco. Por ter sido criado e não instalado. Assim permanecendo em divisões territoriais datada de 31-12-1936 e 31-12-1937. Pela lei estadual nº 269, de 31-12-1948, são criados os distritos de Igarapé

Grande, Marianópolis e Olho d'Água Grande e anexado ao município de Pedreiras. Em divisão territorial datada de 1-07-1950, o município é constituído de 4 distritos: Pedreiras, Igarapé Grande, Marianópolis e Olho d'Água Grande.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-07-1960. Pela lei estadual nº 2179, de 30-12-1961, desmembra do município de Pedreiras o distrito de Olho d'Água. Para formar o novo município de Santo Antônio dos Lopes. Pela lei estadual nº 2184, de 30-12-1961, desmembra do município de Pedreiras o distrito de Igarapé Grande. Elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 31-12-1963.

3.3 Histórico do Centro de Estudos Superiores de Pedreiras-CESPE

O Centro de Estudos Superiores de Pedreiras – CESPE, foi criado na estrutura organizacional da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, por meio da Lei nº 8.058 de 30 de dezembro de 2003, com a publicação no D.O.E. na mesma data.

Atualmente o CESPE está funcionando na Rua Projetada, s/n, Bairro São Francisco. Sua estrutura administrativa é composta por um (1) Diretor de Centro e dois (2) diretores de cursos, sendo estes: Licenciatura em Letras. Outro curso é: Licenciatura em Matemática.

O corpo docente hoje conta com 8 professores sendo 5 para Letras e 3 para matemática, atendendo a um corpo discente de 125 alunos. E por ser um dos Centros criados recentemente apresenta uma história ainda pequena, porém, muito significativa, pois reúne esforços daqueles que almejam o desenvolvimento científico para o município de Pedreiras e Região.

4 O CURSO, PROPOSTA E PERSPECTIVA

4.1 O Curso e sua filosofia de educação

Ao optar pela elaboração deste Projeto Pedagógico, o Curso de Letras espera realizar uma prática baseada em uma nova ordem que se estabelece em nossa sociedade atual. Hodiernamente, as Instituições de Ensino Superior, no Brasil, têm procurado modificar o modelo de direção, até então adotado e de caráter altamente positivista, buscando um paradigma que ouse romper com esse modelo tradicional de organogramas verticais.

Pretende-se construir um Curso de Letras com competência, voltado para os verdadeiros interesses da sociedade maranhense e brasileira, a partir de uma política

educacional capaz de transformá-la em uma sociedade mais livre, mais igual, mais justa e, afinal, mais humana, sem perder de vista os princípios definidos na LDB e também nas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras, que enfatizam o desenvolvimento do entendimento do homem e do meio em que vive, através da comunicação do saber pelo ensino e outras formas de comunicação.

A nova sociedade, decorrente da revolução tecnológica e seus desdobramentos na produção e na área da informação, apresenta características capazes de assegurar à educação uma autonomia ainda não alcançada. O novo paradigma mundial emana da compreensão de que, cada vez mais, as competências desejáveis ao pleno desenvolvimento humano aproximam-se das necessárias inserções no processo produtivo. E neste caso a educação deve ser compreendida como um meio de superação da dualização da sociedade, que gera desigualdades cada vez maiores. Nesse sentido, a educação superior, como nos diz a LDB, nº 9.394/96, deve estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e os regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade.

No percurso do processo democrático, o Curso de Letras, neste projeto, repensa esse papel da educação, através de uma nova proposta curricular, que considera organizações de atividades e ações que possam desenvolver habilidades cognitivas e competências sociais a partir do conhecimento. Essa proposta curricular deve expressar a contemporaneidade e, considerando a rapidez com que ocorrem as mudanças na área do conhecimento e da produção, ter a ousadia de se mostrar prospectiva. É importante destacar, tendo em vista tais colocações, as considerações oriundas da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, incorporadas nas determinações da Lei nº 9.394/96:

- a) A educação deve cumprir um triplo papel: econômico, científico e cultural;
- b)** A educação deve ser estruturada em quatro alicerces: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser.

4.2 O Curso de Letras perante a nova Legislação Educacional Brasileira

Refletindo sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 e consciente do compromisso com a comunidade pedreirense, o Curso de Licenciatura em Letras do CESPE/UEMA constrói-se numa dinâmica com bases legais

e diretrizes traçadas na observância de um mundo cada vez mais globalizado e com vistas à mudança e evoluções tecnológicas, socioculturais, políticas e econômicas numa sociedade competitiva, visando à consolidação e ao aprofundamento do conhecimento.

A grande tarefa dos nossos dias é preparar o homem para um novo mundo em que a tecnologia e a ciência estão sendo vistas como progresso do novo milênio. Este, por sua vez, não consiste somente das mudanças materiais pelas quais passam o homem, mas de um enriquecimento sociocultural adquirido por meio da educação, e só por ela, no suporte de uma instituição inteligentemente planejada, com o fim de preparar esse homem para atuar em um mundo globalizado e competitivo.

Paulo Freire afirma que uma educação verdadeiramente humanística deva ser liberada e sua característica fundamental seja levar o indivíduo à prática da liberdade (FREIRE, 1979, p. 76).

Partindo-se dessa visão, o Curso de Letras deve estar empenhado em pautar objetivos de ensino a que venham estimular a criação e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo, bem como formar graduados nas áreas de expressão linguística e literária, de modo que possam comunicar-se, abrindo a consciência para o mundo, aptos para a inserção em setores da educação, participando na formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, como bem acentua Paulo Freire (1979, p.13): E o homem só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção do mundo comum, só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo.

O homem almeja ser único e desenvolver sua individualidade, através do seu desenvolvimento pessoal e das relações sociais, numa interação mútua e constante, criando o seu próprio espaço para o surgimento e consolidação de sua responsabilidade, revestindo-se das conotações de pluralidade, transcendências, criticidade, conseqüentemente, de temporalidade.

Dessa forma, o homem visa à realidade que o cerca, nela interferindo através do trabalho, pretendendo ao mesmo tempo melhorar as condições pessoais e ambientais em que vive. Jacques Martain comenta que: As dimensões específicas do homem, enquanto ser racional e histórico, capacitam-no a tornar-se mais humano, e a partir de tudo aquilo que lhe permite enriquecer a sua grandeza original.

Segundo Rodrigues (1987, p. 58), como processo de realização, a educação oportuniza ao homem elaborar, livre e conscientemente, seus objetivos, procurando

integrá-lo, através do conhecimento do mundo, possibilitando-lhe a preparação para a vida em sociedade, através de três campos básicos: no campo político, formando o indivíduo para o exercício da cidadania; no campo cultural, oferecendo uma concepção de mundo pela qual possa agir aderindo, transformando e participando das mudanças dessa sociedade; e no campo profissional, instrumentalizando, científica e tecnicamente, o indivíduo para o trabalho.

O graduado em Letras, no percurso de sua formação acadêmica, depara-se com situações-problema com as quais poderá lidar igualmente na sua prática, devendo estar preparado a ponto de criar mecanismos, a partir dos conhecimentos adquiridos, em prol das possíveis soluções. Desta forma, solidificam-se os processos científicos e pedagógicos do ensino, caracterizados por uma pedagogia facilitadora e libertadora, fundamentada no processo científico e que se traduz no ato de criar condições para que o aprendiz assimile e produza o saber construído.

Tudo isso constitui a grande introdução ao trabalho, alguma coisa que prepare o agente antes de apontar-lhe a tarefa.

Assim diz Paulo Freire: O homem, problematizando e decodificando o homem criticamente no mesmo momento da consciência, o homem se re-descobre como sujeito instaurador desse mundo de sua experiência.

O Curso de Letras do CESPE/UEMA propõe-se a realizar um criterioso trabalho, visando proporcionar um sadio amadurecimento do futuro profissional, desenvolvendo nele a consciência plena de sua cidadania, numa visão permanente de um ideal que paire acima das contingências e dos modismos, alicerçada no conhecimento e na eficiência técnica.

Os núcleos metodológicos do curso são o princípio educativo do trabalho, concebido na indissociável relação teoria/prática e no princípio da construção histórica e interdisciplinar do conhecimento, desenvolvido através de atitudes investigativas e reflexivas da sua política, com vistas a dar à teoria sentido menos acadêmico e mais orgânico. A adoção desse princípio implica uma dinâmica curricular que torne o vivido pensado e o pensado vivido, no processo de formação acadêmica, isto é, a reflexão teórica e a prática do professor estarão presentes, de forma dialetizada, na experiência da formação profissional.

4.3 Missão do curso de Letras

Procurar ter a missão de atender para a nossa região, as transformações científicas e tecnológicas das novas linhas de conhecimento, de modo que a educação escolar exerça papel basilar no desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade, fomentando as mudanças sociais necessárias para a sociedade contemporânea na gestão do trabalho pedagógico na execução formal e não formal.

O profissional deve ser formado de modo que saiba articular os saberes que definem sua identidade profissional, os conteúdos específicos de sua formação profissional; que saiba pensar, que pratique a reflexão constante sobre sua própria prática profissional; que saiba intervir, na busca incansável da inovação e da transformação dinâmica e positiva em sua própria prática.

Neste sentido, busca-se a preparação de um profissional educador, qualificado com excelência. Que não seja um simples reprodutor/repassador de informações, mas sim, capaz de participar de tomada de decisões sobre seu trabalho e sobre a vida escolar, além de, constantemente, produzir conhecimento. O domínio dos conteúdos da área específica e dos respectivos métodos deve ser alicerce que lhe permita conceber, construir e administrar situações de aprendizagem e de ensino adequados à disseminação do saber específico de cada área em diferentes instâncias sociais. Finalmente, seu trabalho deve ser coletivo, integrado e integrador, interdisciplinar e investigativo, desenvolvendo-o com seus colegas professores e com os estudantes, a partir de situações vivenciadas diuturnamente.

4.3.1 Objetivo geral do curso de Letras

Formar profissionais críticos capazes de operar como professor, investigador e desempenhar papel de multiplicador, formando críticos, intérpretes e produtores de texto de diferentes gêneros e registros linguísticos, culturais e estéticos, integrando o conhecimento científico com a realidade na qual ele esteja inserido.

4.3.2 Objetivos específicos do curso de Letras

- ⇒ Habilitar docentes em língua portuguesa e literaturas vernáculas, atendendo às exigências da Lei nº 9394 de 20.12.1996 (LDB);
- ⇒ Formar profissionais para o exercício da docência, capazes de atuar nos ensinos fundamental e médio, nos cursos livres, em aulas particulares e de reforço;
- ⇒ Motivar a iniciação à pesquisa em língua e literatura, materna;
- ⇒ Iniciar a preparação dos discentes para o ingresso na docência universitária, a ser completada na pós-graduação;
- ⇒ Qualificar profissionais interessados em língua e literatura;

- ⇒ Qualificar discentes para contribuir em outras áreas do conhecimento, no debate interdisciplinar, prestando assessorias nos setores políticos, culturais, em órgãos governamentais, organizações não governamentais etc.

4.4 Titulação conferida pelo curso

O professor formado em letras deverá ter atitudes éticas, competências e habilidades necessárias ao exercício profissional, no âmbito da educação. Nesse sentido, a formação do licenciado em letras deverá ter como concepção norteadora, o desenvolvimento de competências gerais relacionadas ao comprometimento com os valores da sociedade democrática e à compreensão do papel da escola nessa sociedade; ao domínio dos conteúdos específicos de letras, do conhecimento pedagógico, assim como às competências relacionadas ao gerenciamento do próprio desenvolvimento profissional.

Com essa concepção, espera-se que o curso de Licenciatura em Letras do CESPE/UEMA, oportunize o desenvolvimento das seguintes competências e habilidades específicas:

- ⇒ Analisar, criar e adaptar alternativas pedagógicas ao seu ambiente de trabalho para desenvolver habilidades de estudo independente e a criatividade dos alunos;
- ⇒ Atuar em equipes multidisciplinares e exercer liderança no encaminhamento de questões didático-pedagógicas;
- ⇒ Utilizar novas ideias, tecnologias, estratégias metodológicas e materiais de apoio, com vistas a otimização do processo de ensino-aprendizagem;
- ⇒ Compreender as principais características de Letras, seus métodos, suas ramificações e aplicações a outras áreas do conhecimento;
- ⇒ Avaliar a estruturação de cursos, de conteúdos escolares, de livros-texto e outros materiais didáticos, com visão crítica do significado da linguagem e do papel social da escola;
- ⇒ Expressar-se com clareza, precisão e objetividade junto aos alunos, no processo de transmissão, discussão e produção do conhecimento em línguas;
- ⇒ Estabelecer e identificar relações entre a linguagem e outras ciências;
- ⇒ Compreender a importância da linguagem na vida do homem, tendo a consciência de que o aluno da escola básica é capaz e tem o direito de aprender as línguas e suas culturas para o exercício de sua cidadania;

- ⇒ Elaborar modelos, interpretar dados e aplicar raciocínios críticos e criativos adequados para uma nova visão de mundo;
- ⇒ Compreender e elaborar argumentação sobre a linguística aplicáveis aos conteúdos escolares da educação básica, aos temas transversais, ao saber adquirido e às questões apresentadas pelos alunos;
- ⇒ Compreender os fundamentos do processo e as diferentes formas de aprendizagem do aluno, além de sua relação com o ensino da língua.

4.5 Desafios do curso e do próprio CESPE/UEMA

1. Educar os licenciados para atuarem em múltiplas escolas, múltiplos contextos culturais;
2. É possível mergulhar no universo de possibilidades de descolonização cultural, conscientização política e social planetária, capazes de promover a solidariedade entre as pessoas, o acolhimento das diferenças e o bem-estar coletivo através da educação *pela* língua e literatura?
3. Como lidar com a dissociação imposta entre pensar e fazer, entre produzir e consumir, entre pesquisar e lecionar? Como educar criticamente *pela* palavra?
4. Como fazer a relação entre os saberes tratados no Curso de Letras, que muitas vezes parecem cair em um vácuo profundo e desvinculado das múltiplas realidades, e as múltiplas realidades concretas de salas de aula habitados por uma maioria de estudantes cujo aprendizado escolar os leva a pouco ler e a pouco refletir sobre o mundo que habitam, a língua que falam/escrevem e a literatura que leem?
5. Como exercer a criatividade e a competência de refletir criticamente quando os conteúdos escolares não recebem tratamento pedagógico como objeto de estudo, reflexão e análise crítica nas disciplinas específicas do curso básico?
6. Além do saber teórico sobre princípios políticos-pedagógicos, os professores-licenciandos de Letras precisam repensar criticamente os conteúdos escolares, para que finalmente entrem em salas de aula reais para a prática supervisionada propriamente dita e, claro, seu contínuo exercício de educador;
7. Que os professores-licenciandos, no último ano do seu curso, "tristemente", não reconheçam se valer apenas da lembrança dos conhecimentos adquiridos em seu próprio estudo de ensino médio na hora de pensar e planejar as aulas

- práticas que irão lecionar, dada a distância, ainda hoje, entre a escola e os currículos, programas e objetivos das licenciaturas;
8. Desenvolver uma postura de aprofundamento das reflexões sobre a produção dos conhecimentos, adquirindo uma consciência crítica;
 9. Geralmente, os professores-licenciandos observam aulas burocráticas e, em seguida, preparam aulas enfadonhas, pouco criativas, centradas exclusivamente na figura docente, seguindo à risca o livro didático adotado, que passivamente julgam e aceitam como padrão, pois "foi assim que também aprendi, deu certo, pois aqui estou, e não saberia fazer diferente" (fala de uma professora-graduanda);
 10. Os professores-graduandos de Letras, via de regra, leem menos do que deveriam, escrevem menos do que precisam e não conhecem profundamente as formas de realização da língua nem a variedade da produção literária brasileira. Estuda linguística, mas, geralmente, não sabem o que fazer com o conhecimento adquirido na prática real, nem como utilizar conceitos linguísticos para planejar aulas críticas de gramática normativa, como exigem os programas escolares. O que e como fazer para resolver esse problema?
 11. A questão de uma prática pedagógica pautada no acolhimento e no diálogo se estende para o problema da dissociação entre o ensino e a pesquisa. Uma questão ainda não tratada com a necessária urgência pelos gabinetes de alto escalão, mais preocupados com estatísticas, percentuais e dados gerais mais quantificáveis. Para que sejam válidos os princípios teóricos devem provocar a reflexão sobre a importância social de sua função como educadores de brasileiros;
 12. Promover o aprendizado construído pela observação pedagógica, visando ao aumento da capacidade crítica e autocrítica, da criatividade consciente, para possibilitar fazer novas leituras e novas propostas para os conteúdos, aliadas ao planejamento, preparação e execução de aulas, e o trabalho conjunto de sugestões, críticas, esclarecimentos de dúvidas e adequação estratégica para os diversos tópicos dos programas escolares;
 13. Há que se encontrar formas qualitativas construtivas e contínuas de avaliação da educação de língua e literária, isto é, do ensinar e aprender língua e literatura. Sem receitas prontas podemos e devemos construir múltiplas formas de ver, de ler, de escrever e de aprender.

Inovar é trabalhoso. Tornar-se responsável por seu próprio aprendizado requer esforço maior que ouvir passivamente a recitação do professor ou, no caso do professor, recitar o que sistematizou ao longo de sua formação docente. Nem sempre nossas carências pessoais serão satisfeitas imediatamente em nossas turmas, quando optamos por uma forma de trabalho que aposte na construção de um processo crítico a cobrança democrática requer um estado de tensão permanente. Crescer implica transformar e toda mudança envolve desconforto, pelo menos inicial.

Pontos que o Centro de Estudos Superiores de Pedreiras – CESPE considera também como desafios a serem superado:

a) A curto prazo:

- ⇒ A expansão do acervo atualizado de livros específicos do curso de Letras para melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem;
- ⇒ A implantação do laboratório de línguas para viabilizar e melhorar o processo de aquisição das habilidades profissionais;
- ⇒ Informatização do curso para proporcionar a operacionalidade de pesquisas, interpretações e produções textuais.

b) A médio prazo:

- ⇒ Implantação de cursos de Especialização em Língua Portuguesa e Literaturas.

c) A longo prazo:

- ⇒ Otimizar o nível de qualidade do ensino no curso de Letras;
- ⇒ Elevar o conceito do curso para o nível “A”, segundo a avaliação do MEC/INEP/CPA/UEMA.

4.6 Demanda, vagas, turmas e turno de funcionamento

O CESPE possui uma demanda de 60 (sessenta) vagas por semestre, sendo 30 dessas destinadas ao curso de Letras que tem uma procura semestral de 160 (cento e sessenta) candidatos.

Obs: Não houve oferta nos anos anteriores, portanto, apresentamos somente o ano em Curso.

ANO	VAGAS	INGRESSO	TURNOS	ALUNOS MATRICULADOS POR ANO	TURMAS	EVASÃO	DESISTÊNCIA	REPETÊNCIA	MÉDIA DO COEFICIENTE
2015	30	30	Noturno	92	3	0	1	0	5,45

4.7 Perfil do Egresso

Espera-se que o egresso do Curso de Licenciatura em Letras, possua uma visão abrangente do papel político e social da escola; tenha conhecimento e domínio do conteúdo geral e específico do curso, bem como, dos aspectos culturais, morais, éticos,

Corpo Discente			
Curso: Letras			
ANO	DEMANDA	OFERTA VERIFICADA	PROCESSO SELETIVO
2015	160	30	PAES

humanísticos, políticos e sociais, intrínsecos ao processo da formação profissional, tendo em vista o caráter transformador e inovador da educação.

4.8 Competências e Habilidades do futuro professor em Letras

O Curso de Licenciatura em Letras se destina a formação de professores para educação básica, cujos componentes curriculares são orientados pela LDB/96 e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, aprovadas pelo Parecer CNE/CES nº 492/2001, publicado em 03/04/2001, e estabelecidas na Resolução CNE/CES nº 18/2002, elaboradas por uma comissão de especialistas em ensino de Letras – Portaria SESU/MEC nº 146/98.

Considerando as habilidades e competências a serem desenvolvidas durante a formação do professor de Língua e suas literaturas, em conformidade com as contingências sociais e acadêmico-científicas da área, espera-se desse profissional o seguinte perfil:

- ⇒ Formação humanística, teórica e prática;
- ⇒ Capacidade de operar, sem preconceitos, com a pluralidade de expressão linguística e literária;
- ⇒ Atitude investigativa indispensável ao processo contínuo de construção do conhecimento na área;
- ⇒ Postura ética, autonomia intelectual, responsabilidade social, espírito crítico e consciência do seu papel de formador;
- ⇒ Domínio dos diferentes usos da língua e suas gramáticas;
- ⇒ Domínio ativo e crítico de um repertório representativo de literatura, da língua em estudo;
- ⇒ Capacidade de analisar, descrever e explicar, diacrônica e sincronicamente, a estrutura e o funcionamento da língua em estudo;
- ⇒ Capacidade de analisar criticamente as diferentes teorias que fundamentam a investigação sobre língua e literatura;
- ⇒ Capacidade de formar leitores e produtores proficientes de textos de diferentes gêneros e para diferentes propósitos;
- ⇒ Capacidade de atuar em equipe interdisciplinar e multiprofissional;
- ⇒ Assimilação crítica de novas tecnologias e conceitos científicos.

As diretrizes curriculares nacionais, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) dos diferentes níveis de ensino e uma série de outros documentos oficiais referentes à educação no Brasil têm colocado, em consonância com uma tendência mundial, a necessidade de centrar o ensino e aprendizagem no desenvolvimento de competências e habilidades por parte do aluno, em lugar de centrá-lo no conteúdo conceitual.

Segundo Perrenoud, não existe uma noção clara e partilhada das competências. Pode-se entender competência como a capacidade de mobilizar conhecimentos a fim de se enfrentar uma determinada situação. Merece destaque aí o termo “mobilizar”, pois a competência não é o uso estático de regras aprendidas, mas uma capacidade de lançar mão dos mais variados recursos, de forma criativa e inovadora, no momento e do modo necessário.

A competência abarca, portanto, um conjunto de coisas. Perrenoud fala de esquemas, em um sentido muito próprio. Seguindo a concepção piagetiana, o esquema é uma estrutura invariante de uma operação ou de uma ação. Não está, entretanto, condenado a uma repetição idêntica, mas pode sofrer acomodações, dependendo da situação. A competência implica uma mobilização dos conhecimentos e esquemas que se possui para desenvolver respostas inéditas, criativas, eficazes para problemas novos. Diz Perrenoud que "uma competência orchestra um conjunto de esquemas. Envolve diversos esquemas de percepção, pensamento, avaliação e ação".

O conceito de habilidade também varia de autor para autor. Em geral, as habilidades são consideradas como algo menos amplo do que as competências. Assim, a competência estaria constituída por várias habilidades. Entretanto, uma habilidade não "pertence" a determinada competência, uma vez que uma mesma habilidade pode contribuir para competências diferentes. A direção do foco do processo de ensino e aprendizagem para o desenvolvimento de habilidades e competências implica em ressaltar que o formando deve aprender a compreender os fenômenos e não a memorizar elementos cujo alcance e significado desconhecem dentro do domínio do conhecimento linguístico.

É importante destacar que não se está entendendo aqui competência como um conceito fechado e dado *a priori*. Mas de uma competência contingenciada por demandas gerais da sociedade brasileira e específicas da Universidade e do próprio curso de Letras do CESPE. Na atual contingência, essa macrocompetência está em conformidade com o marco referencial do projeto, e envolve as seguintes habilidades:

a) Gerais

- ⇒ Raciocínio lógico, análise e síntese;
- ⇒ Leitura e escrita, numa perspectiva da produção de sentido e compreensão de mundo;
- ⇒ Leitura e escrita proficientes de diferentes gêneros textuais, em Língua Portuguesa;
- ⇒ Utilização de metodologias de investigação científica;
- ⇒ Assimilação, articulação e sistematização de conhecimentos teóricos e metodológicos para a prática do ensino;
- ⇒ Utilização de recursos de informática necessários ao exercício da profissão.

b) Específicas

- ⇒ Descrição e explicação de características fonológicas, morfológicas, lexicais, sintáticas, semânticas e pragmáticas de variedades da língua em estudo;
- ⇒ Compreensão, à luz de diferentes referenciais teóricos, de fatos linguísticos e literários, tendo em vista a condução de investigações sobre a linguagem e sobre os problemas relacionados ao ensino-aprendizagem de língua;
- ⇒ Estabelecimento e discussão de relações entre textos literários e com os contextos em que se inserem, e outros tipos de discursos;
- ⇒ Relação do texto literário com problemas e concepções dominantes na cultura do período em que foi escrito e com os problemas e concepções do presente;
- ⇒ Compreensão e aplicação de diferentes teorias e métodos de ensino que permitem a transposição didática do trabalho com a língua e suas literaturas, para a educação básica.

5 GESTÃO ACADEMICA

O curso é administrado por uma direção, escolhida pela Reitora. O diretor do curso tem, as seguintes atribuições:

- Gestão administrativa e pedagógica;
- Planejamento, organização e funcionamento das atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como dos demais processos e atividades;
- Acompanhamento da vida acadêmica dos estudantes;
- Articulação do curso com os demais órgãos e comunidade externa;
- Avaliação sistemática do curso.

A concepção de gestão acadêmico-administrativa adotada pelo curso é de gestão compartilhada entre o coordenador, o Colegiado do Curso e o Núcleo Docente Estruturante (NDE).

O Colegiado do Curso tem o coordenador por seu presidente e conta com a participação de representantes do corpo docente e representante do corpo discente, eleitos por seus pares. As atribuições no seu âmbito são de cunho deliberativo e consultivo. O Núcleo Docente Estruturante é composto pelo diretor, também como presidente, mais representantes docentes, sendo suas atribuições de cunho pedagógico. Participam, ainda, da gestão do curso o a coordenação de estágios e a coordenação de pesquisa e extensão.

A coordenação promove a gestão do curso, especialmente, nas seguintes atividades:

- Elaboração conjunta, no período que antecede o início do ano letivo, do planejamento anual do projeto de gestão acadêmico-administrativa com ênfase na organização das atividades de apoio técnico-administrativo e na organização do trabalho pedagógico-científico previstos no planejamento do curso;
- Reuniões coletivas em que predominam o diálogo e o consenso, com vistas à racionalização do trabalho de gestão;
- Elaboração e desenvolvimento de planos de trabalho diretamente ligados à gestão acadêmico-administrativa do curso;
- Reuniões de trabalho para análise e busca de soluções de dificuldades detectadas pela Comissão Própria de Avaliação e pelo processo de auto avaliação do curso a ser implementado.

5.1 Colegiado do Curso

O Colegiado de Curso é um órgão consultivo para os assuntos de política de ensino,

Presidente: Francisca Cilene Franco da Silva
Professor: Lucélia de Sousa Almeida
Professor: Elane da Silva Plácido
Professor: Hélio de Jesus dos Anjos Pintos
Professor de Prática: Marco Aurélio Godinho Rodrigues
Discente: Edimilson Gonçalves dos Santos

pesquisa e extensão, em conformidade com as diretrizes da Instituição. É um órgão permanente e responsável pela execução didático pedagógica, atuando no planejamento, acompanhamento e avaliação das atividades do Curso de Licenciatura em Letras.

Este Colegiado é constituído pelo diretor do Curso, todos os docentes que ministram aulas no Curso, um representante dos discentes e um representante dos Técnico-Administrativos em Educação. O Colegiado reunir-se-á ordinariamente duas vezes por ano e, extraordinariamente, a qualquer tempo, quando convocado pelo seu Presidente, por sua própria iniciativa ou a requerimento de, no mínimo, um terço de seus membros.

5.2 Núcleo Docente Estruturante-NDE

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) é um órgão consultivo, responsável pela concepção, implantação e atualização do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras do CESPE.

Este Núcleo deverá ser constituído pelo Coordenador do curso, um Pedagogo (a) indicado (a) pela Direção de Ensino, preferencialmente docente e, no mínimo, cinco professores atuantes no curso e com titulação acadêmica em nível de Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

O NDE reunir-se-á, ordinariamente, duas vezes por semestre e, extraordinariamente, sempre que convocado pelo Presidente ou pela maioria de seus membros.

NOME DO DOCENTE	TITULAÇÃO MAIOR
Francisca Cilene Franco da Silva (*)	Especialista
Elane da Silva Plácido	Especialista
Lucélia de Sousa Almeida	Mestre
Hélio de Jesus dos Anjos Pinto	Especialista
Marco Aurélio Godinho Rodrigues	Mestrando

(*) Diretor(a) do Curso

5.3 Avaliação Curricular: uso dos resultados das avaliações na melhoria da qualidade do curso

A avaliação no processo ativo da implementação de reforma curricular, analisada por um enfoque amplo, requer uma organização sistêmica dos dados quantitativos e qualitativos das transformações propostas pelos objetivos e organização curricular.

Uma avaliação do currículo fundamentada cientificamente na análise de parâmetros sólidos reflete uma importante tendência atual avaliativa. Considerando o caráter flexível e dinâmico de um projeto educativo. E constitui um processo fundamental, quando da implementação de uma reforma curricular, pois sendo aplicada

de forma integral e contínua, possibilita detectar possíveis problemas e sucessos, desta reforma curricular.

O processo avaliativo no contexto curricular tem um caráter retroalimentador, possibilitando alterações no rumo proposto, e posterior avaliação destas alterações, sendo contínua de forma espilada.

Entendemos que uma avaliação como processo transformador, deve incluir em seus parâmetros, uma análise dos objetivos, dos processos educativos, da metodologia utilizada pelo professor para alcançar seus objetivos metodológicos, dos alunos em sua atividade formativa, os meios e recursos utilizados e disponíveis e o impacto social gerado pela implementação curricular.

Para tanto julgamos necessária a aplicação de métodos investigativos bem elaborados, tais como: A observação sistêmica, questionários, entrevista a todos os segmentos, valoração de especialistas, testes objetivos e subjetivos, e métodos com caráter analítico-sintético.

A aplicação de diversos métodos para a avaliação, possibilita uma maior confiabilidade dos dados, formando assim uma melhor visão panorâmica do curso, possibilitando uma otimização do processo, acarretando uma fundamentação das modificações a serem implementadas e os elementos a serem mantidos.

O processo de avaliação, para uma maior abrangência e confiabilidade, será dividida em externa e interna.

5.4 Avaliação Interna

A avaliação interna está relacionada com os elementos e a organização e estrutura do plano de estudo, não levando em conta os critérios sociais os quais se fundamenta o currículo. O estabelecimento dos critérios se realiza a partir de princípios pedagógicos, tais como: utilização do material, retro-alimentação, exercitação, reforço, significatividade, correspondência entre os objetivos e atividades de aprendizagem, etc.

Tomamos como aspectos principais para a concretização da avaliação interna:

a) Analisar a coerência entre os objetivos curriculares propostos para o curso de Química Licenciatura, levando em consideração a relação de correspondência entre eles, assim como entre as áreas, tópicos e conteúdos específicos;

b) Analisar a vigência dos objetivos com base na informação obtida na análise da população estudantil;

c) Analisar a viabilidade do currículo, considerando os recursos humanos e materiais disponíveis, para uma posterior adaptação;

d) Analisar a adequação dos conteúdos e atividades curriculares, relativos a população estudantil e as disciplinas que formam o currículo.

e) Investigar a atividade docente dos professores e sua relação com o rendimento acadêmico dos alunos;

f) Investigar os fatores relacionados com o rendimento acadêmico dos alunos, principalmente das causas e índices de reprovação, abandono acadêmico, nível de desenvolvimento acadêmico, etc., assim como as estratégias de aprendizagem, fatores de motivação e traços pessoais associados ao rendimento acadêmico.

5.5 Avaliação externa

Como avaliação externa, entendemos que trata da verificação do impacto social causada pela reforma curricular, como determinante de uma prática profissional, e se esta responde as necessidades estabelecidas pelo mercado de trabalho local, pela melhor qualificação de seus discentes em sua prática em sala de aula. Para isto ser concretizado, o aspecto principal para a avaliação externa da seguinte maneira:

a) Realização de uma análise contínua dos graduados e seu desempenho nas funções profissionais inerente ao curso, objetivando caracterizar o grau de capacitação alcançado pelo aluno egresso da instituição;

b) Análise junto aos estabelecimentos de ensino da região, para poder detectar o desempenho dos discentes egressos em sua prática docente, assim como o grau de satisfação destes para com a sociedade.

É importante salientar que ambos os tipos de avaliação se interagem, e deve ser executada de forma contínua e permanente.

Num processo de educação construtivista, a avaliação é um elemento indispensável a orientação dos desvios ocorridos durante o processo e para gerar novos desafios a todos os seguimentos da instituição envolvidos. No que se refere ao Projeto Pedagógico da Licenciatura em Letras será realizada de forma continuada, cumprindo assim a função didática – pedagógico de auxiliar o processo ensino aprendizagem.

A avaliação do curso de Licenciatura em Letras abrangerá todos os seguimentos envolvidos na estrutura do curso, tais como: corpo docente e discente, corpo técnico e administrativo. Serão elaborados anualmente relatórios conclusivos que reflitam a realidade do curso.

5.6 Conceitos das avaliações realizadas pelo MEC/ENADE

NOTAS ENADE – CURSO DE LETRAS			Nota - CPC	
Ordem	Ano	Curso	Continua	Faixa
1	2011	Letras Licenciatura	2,3344	3
2	2013	Letras Licenciatura	2,3344	3

6 CURRÍCULO DO CURSO

6.1 Princípios norteadores da organização curricular

O Currículo do Curso de Letras é compreendido como produção que realiza através da relação entre pessoas. Desse modo, deve ser concebido como construção cultural que possibilite a aquisição do saber de forma articulada.

Como produção social, o currículo não pode ser entendido de uma forma positivista, isto é, faz-se necessário percebê-lo relacionalmente, a partir das complexas configurações de dominação e subordinação, na nação, em cada região e em cada estado. Não é apenas o conteúdo curricular que deve ser observado, mas também sua forma e o modo pelo qual ele é organizado. O conteúdo quanto a forma são construções ideológicas.

O currículo do Curso de Letras do CESPE/UEMA é pensado nessa concepção e delineado na perspectiva da construção de um processo de formação de professores, cuja preocupação se movimenta em direção a uma determinada forma de política, que busca oportunizar a esses profissionais o entendimento das subjetividades no contexto das relações sociais, políticas e administrativas, em nível regional.

Dessa forma, o currículo do curso e o conhecimento devem ser vistos como construção e produtos de relações sociais, orientados numa perspectiva crítica cuja

ação-reflexão-ação se coloque como atitude que possibilite ultrapassar o conhecimento do senso comum.

Os princípios dinamizadores do currículo do Curso de Letras são decorrentes não só das abordagens epistemológicas e metodológicas do curso, mas também do fato de que os alunos são professores, sendo sua prática profissional tomada como uma dimensão curricular.

Nessa linha de raciocínio, ratifica-se, novamente, que os núcleos metodológicos do Curso são o princípio educativo do trabalho concebido na indissociável relação teoria-prática e o princípio da construtividade.

Nas organizações curriculares, observando esses princípios, cada disciplina deve contemplar as diversidades e a heterogeneidade para se chegar a uma unidade. Deve-se pensar de forma conjunta o currículo, a estrutura e os métodos utilizados no Curso.

A interdisciplinaridade é vista apenas como um recorte e só pode ser compreendida através do conhecimento que não se esgota em si mesmo. Nesse percurso o método é que vai garantir o sucesso do ensino.

No seu conjunto, o currículo precisa conter os conteúdos necessários ao desenvolvimento das competências exigidas para o exercício profissional e tratá-los nas suas diferentes dimensões: na sua dimensão conceitual – na forma de teorias, informações, conceitos; na sua dimensão procedimental – na forma do saber fazer e na sua dimensão atitudinal – na forma de valores e atitudes que estarão em jogo na atuação profissional.

6.2 Princípios epistemológicos

A epistemologia, segundo Japiassu (1992, p. 16), no sentido bem amplo, é o estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais. Etimologicamente, pode significar discurso (logos) sobre a ciência (episteme).

Atualmente, o conhecimento passou a ser considerado como um processo e não como um dado adquirido. Esta noção de conhecimento foi substituída por outra, que o vê antes de tudo como um processo, como uma história que, aos poucos e incessantemente, faz captar a realidade a ser conhecida. Para Japiassu, deve-se falar hoje de conhecimento-processo e não mais de conhecimento-estado. Esse scholar nos diz ainda que:

Se nosso conhecimento se apresenta em devir, só conhecemos realmente quando passamos de um conhecimento menor a um conhecimento maior. A tarefa da epistemologia consiste em conhecer este devir e em analisar todas as etapas de sua estruturação, chegando sempre a um conhecimento provisório, jamais acabado ou definitivo.

No âmbito educacional, segundo Delval (1998, p. 34):

a epistemologia tem grande importância para a educação, já que a questão de como são formados os conhecimentos está profundamente vinculada à questão do ensino. Os métodos de ensino dependem sempre de concepções epistemológicas, que, em alguns casos, são explícitas e em outros não, mas que estão sempre presentes.

Entre as tendências apontadas para o século XXI, a crescente presença da ciência e da tecnologia nas atividades produtivas e nas relações sociais estabelece um ciclo permanente de mudanças que provoca rupturas rápidas. Daí, a necessidade em se ter um referencial epistemológico que aponte para a compreensão dos avanços do conhecimento observados neste século.

Destaca-se que o profissional da área de Letras deve compreender a concepção de linguagem mais adequada à nova abordagem de ensino linguístico, ou seja, a linguagem considerada como capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. É a concepção bakhtiniana de linguagem que nos revela alguns pressupostos para que se pense práticas com e sob línguas em sala de aula.

Para Bakhtin (1998, p.36, 66, 95),

A palavra é fenômeno ideológico por excelência. (...) sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de interação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão como o produto de interação viva das forças sociais. (...) a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou sentido ideológico ou vivencial.

Assim, a principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido. Nas ciências que envolvem os estudos linguísticos, importa ressaltar o entendimento de que as linguagens e os códigos são dinâmicos e situados no espaço e no tempo, com as implicações de caráter histórico, sociológico e antropológico que isso representa.

O linguístico, como sugere Bakhtin (1998, p.98), é ideológico em todas as suas manifestações: não existe palavra sem valor ideológico. Segundo Mendonça (1988, p.240), para Bakhtin, não há discurso individual, no sentido de que todo discurso

se constrói em função de um outro, todo discurso se constrói no processo de interação real e imaginário.

A produção contemporânea é essencialmente simbólica e o convívio social requer o domínio das linguagens como instrumento de comunicação e negociações de sentidos.

Pode-se dizer que o profissional de Letras deve estar consciente de que o mundo contemporâneo está marcado por um apelo informativo imediato. Assim, a reflexão sobre a linguagem e seus sistemas, que se mostram articulados por múltiplos códigos e sobre os processos e procedimentos comunicativos, é, mais do que uma necessidade, uma garantia de participação ativa na vida social e a cidadania desejada.

6.3 Fundamentos Didático-Pedagógicos

O currículo da Licenciatura em Letras do Centro de Estudos Superiores de Pedreiras - CESPE assenta-se no pressuposto de que o que define a identidade do Curso de Letras, enquanto área de conhecimento é a conjunção de duas subáreas intimamente relacionadas: o estudo de uma língua e o estudo da manifestação cultural desta língua. E o que caracteriza um Curso de Letras, enquanto área de atuação profissional é o desenvolvimento de competências e habilidades relativas àquelas duas áreas de estudo.

Nos termos das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Letras, é fundamental que o profissional formado pelo Curso de Letras tenha acesso aos conteúdos caracterizadores de sua área de atuação, estando os mesmos conteúdos ligados à área dos estudos linguísticos e literários, contemplando, assim, o desenvolvimento de competências e habilidades específicas requeridas desse profissional da educação.

Numa abordagem do ensino de línguas, duas grandes vertentes se definem: uma de base gramatical e outra de base comunicativa. De acordo com determinantes dos momentos históricos, elas representam posições de antagonismo com relação às concepções de linguagem, de aprender e de ensinar, que, interligadas, atuaram/atua na determinação de objetivos, conteúdos e procedimentos de ensino. Em nosso projeto pedagógico do curso de Letras não podemos abrir mão de nenhuma dessas

abordagens, uma vez que o ensino de língua pode e deve ser feito nessas duas vertentes, o futuro profissional desta área deverá atuar nos dois campos.

Dessa forma, o Centro de Estudos Superiores de Pedreiras - CESPE busca novos caminhos e aberturas para o seu compromisso social com a nação e a região, propondo a criação deste Curso de Letras, objetivando a busca de uma qualidade de ensino para esta região do país, não só em sua tarefa de graduar, mas também de influir no discurso pedagógico regional.

Buscar-se-á um intercâmbio crítico entre o sujeito do conhecimento e o objeto a ser conhecido, além de possibilitar, com o ensino de Língua Portuguesa, a colocação de nossos graduandos em um mundo globalizado e voltado para a “cidadania do mundo”, e não apenas um ser limitado por barreiras físico-geográficas e linguísticas. A interlocução considera o estudo do terreno da linguagem, como ora propõe a UEMA/CESPE, e do conhecimento comuns ao cotidiano estudante para o ensino do conhecimento mais acurado, em linguagem mais elaborada, voltado para um dualismo comunicativo – português/língua moderna - justificado e existente na região de Pedreiras e médio Mearim.

6.4 Princípios e dinâmica organizacional para o currículo

O Currículo do Curso de Letras será compreendido como produção realizada através da relação entre pessoas. Desse modo, deve ser concebido como construção cultural que possibilite a aquisição do saber de forma articulada. Como produção social, o currículo não pode ser entendido de uma forma positivista, isto é, faz-se necessário percebê-lo relacionalmente, a partir das complexas configurações de dominação e subordinação, na nação, em cada região e em cada estado. Não é apenas o conteúdo curricular que deve ser observado, mas também sua forma e o modo pelo qual ele é organizado. O conteúdo quanto a forma são construções ideológicas.

O currículo do Curso de Letras Licenciatura do CESPE/UEMA será pensado nessa concepção e delineado na perspectiva da construção de um processo de formação de professores, cuja preocupação se movimenta em direção a uma determinada forma de política, que busca oportunizar a esses profissionais o entendimento das subjetividades no contexto das relações sociais, políticas e administrativas, em nível regional. Dessa forma, o currículo do curso e o conhecimento devem ser vistos como construção e produtos de relações sociais, orientados numa

perspectiva crítica cuja ação-reflexão-ação se coloque como atitude que possibilite ultrapassar o conhecimento do senso comum.

Os princípios dinamizadores do currículo do Curso de Letras irão ser decorrentes não só das abordagens epistemológicas e metodológicas do curso, mas também do fato de que os alunos são professores, sendo sua prática profissional tomada como uma dimensão curricular. Nessa linha de raciocínio, ratifica-se, novamente, que os núcleos metodológicos do Curso deverão ser o princípio educativo do trabalho concebido na indissociável relação teoria-prática e o princípio da construtividade.

Nas organizações curriculares, observando esses princípios, cada disciplina deve contemplar as diversidades e a heterogeneidade para se chegar a uma unidade. Deve-se pensar de forma conjunta o currículo, a estrutura e os métodos utilizados no Curso. A interdisciplinaridade é vista apenas como um recorte e só pode ser compreendida através do conhecimento que não se esgota em si mesmo. Nesse percurso o método é que vai garantir o sucesso do ensino.

No seu conjunto, o currículo precisa conter os conteúdos necessários ao desenvolvimento das competências exigidas para o exercício profissional e tratá-los nas suas diferentes dimensões: na sua dimensão conceitual – na forma de teorias, informações, conceitos; na sua dimensão procedimental – na forma do saber fazer e na sua dimensão atitudinal – na forma de valores e atitudes que estarão em jogo na atuação profissional.

6.5 Estrutura pedagógica do curso de Letras do CESPE

Pensar o currículo para uma prática educativa contextualizada e coerente com o mundo globalizado em que atua e sem perder de vista o regionalismo, é necessário centrar o planejamento curricular observando a visão do aluno e seus atos do passado e do presente, com perspectiva do futuro com que se pretende influenciar sua vida profissional.

Uma que se reconhece a não neutralidade do currículo, este supõe opções teóricas e ideológicas que refletem o profissional que se pretende formar. Assim sendo atualmente, discute-se quais competências são prioritárias para o novo papel dos professores Perrenoud, inspirado no movimento da profissão, elenca dez grandes

famílias de competências coerentes com a evolução da formação contínua, com as reformas da formação inicial, com as ambições das políticas educativas, a saber:

- ⇒ Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
- ⇒ Administrar a progressão das aprendizagens;
- ⇒ Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação;
- ⇒ Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho;
- ⇒ Trabalhar em equipe;
- ⇒ Participar da administração da escola;
- ⇒ Informar e envolver os pais;
- ⇒ Utilizar novas tecnologias;
- ⇒ Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;
- ⇒ Administrar sua própria formação contínua.

Embora existam muitos desafios a serem enfrentados para a implantação de um currículo que desenvolva as competências acima relacionadas, é consenso no curso de Letras que as modificações no currículo do curso apontem para esse fim.

Para elaboração do currículo atual do curso de Letras, fez-se necessário estabelecer relações importantes para o planejamento curricular levando em consideração a realidade do aluno, suas aspirações (reveladas nos questionários aplicados), as exigências acadêmicas, as bases filosóficas, sociológicas, psicológicas que alicerçam esta licenciatura, apoiando-se, ainda, nas diretrizes, princípios e determinações estabelecidos nos seguintes instrumentos legais.

- ⇒ Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Letras;
- ⇒ Resolução CEPE/UEMA nº 203/2000, de 29/08/2000;
- ⇒ Resolução CEPE/UEMA nº 276/2001, de 19/07/2001;
- ⇒ Instrução Normativa nº 01/2001, de 05/04/2000;
- ⇒ Parecer CNE/CP nº 28/2001, de 02/10/2001;
- ⇒ Resolução CNE/CP nº 02/2002, 19/02/2002.

Pensar o currículo do curso de Licenciatura em Letras exige, ainda, uma reflexão no que diz respeito à “crise da leitura e da escrita” na escola e como é possível reverter o quadro da educação no país. Trata-se das reflexões contemporâneas acerca do processo de letramento tal como constituído pelas práticas discursivas, pelas diferentes formas de usar a linguagem e atribuição/abstração de sentido tanto pela fala

como pela escrita em que se relacionam a visão de mundo, crenças e valores dos falantes.

Assim na medida em que o professor egresso do curso de Letras, bem como de outras licenciaturas, aceitar o fenômeno do letramento como:

...o acesso amplo à palavra escrita, e seus efeitos sociais, que envolvem conflitos de valores e identidades, deverá aceitar também seu papel de socializar os aprendizes em uma instituição que deve necessariamente ser olhada criticamente, pois tem servido tanto à transferência de valores sociais comprometidos com classes dominantes como ao controle social que garanta a hegemonia dessas classes. (MATÊNCIO, 1994, p. 24).

De acordo com as Normas Gerais do Ensino de Graduação – Resolução CONSUN/UEMA Nº 423/2003, o currículo é constituído de disciplinas obrigatórias – núcleo comum. Disciplinas específicas – núcleo específico. Disciplinas optativas – núcleo livre. E atividades de flexibilização incluindo outras Atividades Acadêmico-Científico-Cultural – AACC.

6.6 Regime Escolar

Duração do Curso: Mínima – 4 anos

Média – 6 anos

Máxima – 8 anos

- ⇒ Regime - Semestral
- ⇒ Dias anuais úteis – 200 dias
- ⇒ Dias úteis semanais – 6
- ⇒ Semanas aulas semestrais – 18
- ⇒ Semanas matrículas semestrais – 1
- ⇒ Carga horária do Currículo Pleno – **3.135** horas-aula excluída a monografia
- ⇒ Sistema de créditos: **01**(um crédito) é resultante de: **15** aulas teóricas; **30** aulas práticas ou **45** aulas de estágio
- ⇒ Total de créditos – **167** créditos
- ⇒ Módulo – aula:**50 minutos**
- ⇒ Horário de funcionamento: **Noturno das 18:20 às 22:30 horas.**

6.7 Estrutura curricular

Neste projeto, pretende-se apresentar as habilitações e a forma como se estrutura a Licenciatura em Letras do CESPE/UEMA. O curso continuará estruturado

em sistemas de créditos, havendo associação entre aulas teóricas e práticas, seguidas de estágio curricular, com aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades. Na organização da matriz curricular, o paradigma tomado como referência inicial será o conjunto de competências que se quer que o professor constitua no curso. Os conteúdos organizados em matérias deverão contemplar o que estão expressos nos eixos que articulam dimensões que precisam ser contempladas na formação profissional docente e sinalizam o tipo de atividades de ensino e aprendizagem que materializam o planejamento e a ação desse agente de transformação social. O ensino continuará sendo presencial, conforme exigências das Diretrizes Curriculares.

Registra-se, ainda, que o Parecer do Conselho Nacional de Educação, Parecer CNE/CP 28/2001, aprovado em 02/10/2001, determina a Prática educacional, como componente curricular, considerando a relação teoria e prática tal como expressa o Art. 1º, Parágrafo 2º da LDB, bem como o Art. 3º, Inciso XI que apresenta o conceito de Prática de Ensino no Parecer CNE/CP 009/2001, revogando, deste modo, a Resolução N° 050/97 - CEPE/UEMA que estabelecia a carga horária de 300 horas para a Prática de Ensino nos cursos de licenciatura.

Destaca-se que haverá alteração nas cargas horárias das habilitações, conforme recomendação do Parecer CNE/CP 21/2001 e da Resolução CNE/CP, de 19 de fevereiro de 2002. Neste projeto, será considerada a alteração prevista por essa Resolução, que obriga o aumento da carga horária para mais de um terço da carga horária anterior (300 horas), perfazendo um total de 405 horas, ou seja, 9 (nove) créditos de 45 horas e também o estágio curricular de ensino, como componente curricular, aliada à teoria e prática social.

Entretanto, obedecendo à Resolução CNE/CP 2/2002 que diz: os alunos que exerçam atividades docentes regular na educação básica poderão ter redução da carga horária do estágio curricular supervisionado até o máximo de 200 horas. Assim, obedeceremos *in totum* o que reza este projeto.

Deverão ser previstas, ainda, 225 (duzentas e vinte e cinco) horas destinadas a outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais, que serão efetivadas através de monitorias, produção de estudos, elaboração de pesquisas, oficinas, seminários, eventos, participação em eventos científicos, técnico, cultural e comunitário, produções coletivas, estudos de caso, resolução de situações-problema, entre outras atividades relacionadas ao processo formativo do profissional das Letras. É

importante salientar que tais atividades devem contar com a orientação e planejamento dos docentes.

Outra alteração a ser realizada por este projeto será a mudança dos nomes das disciplinas do currículo antigo, por uma nomenclatura que esteja relacionada diretamente aos conteúdos curriculares das disciplinas, eliminando-se os algarismos romanos, que nada informam sobre seus significados, como também determina a Resolução N° 203/2000 - CEPE/UEMA, respaldada no Art. 53, inciso II da Lei Federal N° 9.394/96, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Destaca-se, ainda, que os conteúdos caracterizadores básicos estão ligados à área dos estudos linguísticos e literários e contemplam o desenvolvimento de competências e habilidades específicas, considerando o perfil do profissional que o Curso de Letras formará. Seguindo as determinações previstas nas Diretrizes do Curso de Letras, a nova proposta curricular estará respaldada em uma reflexão teórico-crítica associada à prática, essenciais aos profissionais de Letras, de modo a dar prioridade à abordagem intercultural, que concebe a diferença como valor antropológico e como forma de desenvolver o espírito crítico frente à realidade.

Este projeto, também, fundamentado nas Diretrizes, integrará os conteúdos caracterizadores de formação profissional em Letras aos conteúdos básicos. Quanto à inclusão de outras habilitações, vale dizer que o Curso de Letras, desde que foi criado no CESPE/UEMA, tem tido como Literatura de Língua Portuguesa. Neste sentido ainda não houve a necessidade de se fazer qualquer tipo de alterações, sendo assim no dia a dia da nossa Universidade conhecemos as aspirações da sociedade, o que se fará necessário em médio prazo fazer uma ampliação nas opções das habilitações e que este fazer possa atender o que aspira a sociedade em sentido regional, sendo, no primeiro momento, discutido com o conselho acadêmico para que se possa decididamente incluir as opções escolhidas.

A criação, expansão, modificação de cursos está garantida pela própria LDB quando, no seu Artigo 53, afirma que:

No exercício de sua autonomia, são asseguradas às Universidades, sem prejuízo de outras, as seguintes atribuições:

I – criar, organizar e extinguir, em sua sede, cursos e programa de educação superior previstos nesta lei, obedecendo às normas gerais da União e, quando for o caso, do respectivo sistema de ensino.

Parágrafo único. Para garantir a autonomia didático-científica das universidades caberá aos seus colegiados de ensino e pesquisa decidir, dentro dos recursos orçamentários disponíveis, sobre:

I – Criação, expansão, modificação e extinção de cursos.

Destaca-se, ainda, a fim de justificarem-se as propostas de criação das novas habilitações, o que diz as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras - Parecer CNE/CES 492/2001 quando postula que:

[...] os princípios e a flexibilização para a organização do Curso de Letras estão norteados em uma consciência da diversidade/heterogeneidade do conhecimento do aluno, tanto no que se refere a sua formação anterior, quanto aos interesses e expectativas em relação ao curso e ao futuro exercício da profissão em uma tentativa para responder às novas demandas sociais.

Recomenda-se, neste Projeto, que haja as seguintes habilitações de Licenciatura em Letras do CESPE/UEMA:

a) Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (já criada pela Resolução nº 310/2002 – CONSUN/UEMA), entretanto sujeita a alteração da carga horária, de acordo com as exigências previstas no Parecer CNE/CP 28/2001 CNE/CP, proposta nesta nova versão do Projeto Pedagógico do Curso de Letras.

Ord.	Cód	1º PERÍODO – DISCIPLINAS	CH
1		Leitura e Produção Textual (NC)	60
2		Morfossintaxe da Língua Latina (NCL)	60
3		História da Literatura (NCL)	60
4		Filosofia da Educação (NC)	90
5		Metodologia Científica (NC)	60
6		Psicologia da Aprendizagem (NC)	60
TOTAL			390
		2º PERÍODO – DISCIPLINAS	CH
7		Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa (NCL)	60
8		Política Educacional Brasileira (NC)	60
9		Teoria Literária: introdução aos estudos literários e o gênero lírico e o épico (NCL)	60
10		Fundamentos da Linguística (NCL)	60
11		Sociologia da Educação (NC)	60
12		Práticas de Projetos Pedagógicos (NCL)	135
TOTAL			435
		3º PERÍODO – DISCIPLINAS	CH
13		Didática (NC)	90
14		Teoria Literária: correntes da Crítica Literária e o gênero dramático (NCL)	60
15		Sociolinguística (NE)	60
16		Morfologia da Língua Portuguesa (NE)	60
17		Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (NCL)	60
18		Prática de Análise Linguística e Textos Literários em Língua Portuguesa (NCL)	135
TOTAL			465
		4º PERÍODO – DISCIPLINAS	CH
19		Filologia Românica (NCL)	60
20		Literatura Brasileira das origens ao Arcadismo (NE)	60

21		Literatura Infantojuvenil (NC)	60
22		Literatura Portuguesa das origens ao Arcadismo (NE)	60
23		Sintaxe da Língua Portuguesa (NE)	60
24		Prática Interdisciplinar de Leitura e Produção Textual em Língua Portuguesa (NE)	135
TOTAL			435
5º PERÍODO – DISCIPLINAS			CH
25		Semântica da Língua Portuguesa (NCL)	60
26		Literatura Portuguesa do Romantismo ao Realismo (NE)	60
27		Literatura Brasileira do Romantismo ao Realismo (NE)	60
28		Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS – (NC)	60
29		Linguística Aplicada (NE)	60
30		Literatura Maranhense (NE)	60
TOTAL			360
6º PERÍODO – DISCIPLINAS			CH
31		Lusofonia (NCL)	60
32		Literatura Portuguesa do Simbolismo às Tendências Contemporâneas (NE)	60
33		Literatura Brasileira do Simbolismo ao Modernismo (NE)	60
34		Produções Acadêmico-Científicas (NCL)	60
35		Optativa I (NL)	60
36		Análise do Discurso (NCL)	60
TOTAL			360
7º PERÍODO – DISCIPLINAS			CH
37		Literatura Brasileira - Tendências Contemporâneas (NE)	60
38		OPTATIVA II (NL)	60
39		Estágio Curricular Supervis. em Língua Portuguesa - Ensino Fundamental (NCL)	225
TOTAL			345
8º PERÍODO – DISCIPLINAS			CH
40		Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa - Ensino Médio (NCL)	180
41		Atividades Acadêmico-Científico-Culturais - AACC	225
		Trabalho de Conclusão de Curso – TCC	
TOTAL			405
TOTAL GERAL			3.135

6.8 Disciplinas de formação específicas

NUCLEO ESPECIFICO			
Componentes curriculares	C.H.	Créditos	
		T	P
Sociolinguística	60	04	0
Morfologia da língua portuguesa	60	04	0
Literatura brasileira das origens ao arcadismo	60	04	0
Literatura portuguesa das origens ao arcadismo	60	04	0
Sintaxe da língua portuguesa	60	04	0
Literatura brasileira do romantismo ao realismo	60	04	0
Linguística aplicado	60	04	0
Literatura maranhense	60	04	0
Literatura portuguesa do simbolismo as tendências contemporâneas	60	04	0
Literatura brasileira do simbolismo ao modernismo	60	04	0
Literatura brasileira tendências contemporâneas	60	04	0
Literatura Portuguesa do Romantismo ao Realismo	60	04	0

6.9 Conteúdos de formação específica em letras.

Os estudos linguísticos e literários devem fundar-se na percepção da língua e da literatura como prática social e como forma mais elaborada das manifestações culturais. Devem articular a reflexão teórico-crítica com os domínios da prática – essenciais aos profissionais de Letras, de modo a dar prioridade à abordagem intercultural, que concebe a diferença como valor antropológico e como forma de desenvolver o espírito crítico frente à realidade.

De forma integrada aos conteúdos caracterizadores básicos do curso de Letras, devem estar os conteúdos caracterizadores de formação profissional em Letras. Estes devem ser entendidos como toda e qualquer atividade acadêmica que constitua o processo de aquisição de competências e habilidades necessárias ao exercício da profissão, e incluem os estudos linguísticos e literários, práticas profissionalizantes, estudos complementares, estágios, seminários, congressos, projetos de pesquisa, de

extensão e de docência, cursos sequenciais, de acordo com as diferentes propostas dos colegiados das IES e cursadas pelos estudantes.

No caso das licenciaturas deverão ser incluídos os conteúdos definidos para a educação básica, as didáticas próprias de cada conteúdo e as pesquisas que as embasam. O processo articulatório entre habilidades e competências no curso de Letras pressupõe o desenvolvimento de atividades de caráter prático durante o período de integralização do curso.

6.9.1 Disciplinas comuns em outros cursos

NUCLEO COMUN			
Componentes curriculares	C.H.	Créditos	
		T	P
Leitura e Produção Textual	60	04	0
Filosofia da Educação	90	06	0
Metodologia Científica	60	04	0
Psicologia da Aprendizagem	60	04	0
Política Educacional Brasileira	60	04	0
Sociologia da Educação	60	04	0
Didática	90	06	0
Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	60	04	0

6.9.2 Disciplinas Livres

NUCLEO LIVRE			
Componentes curriculares	C.H.	Créditos	
		T	P
Educação Especial e Inclusiva (NL)	60	04	0
História da Educação Brasileira (NL)	60	04	0
Filosofia da Linguagem (NL)	60	04	0
Teoria da Comunicação (NL)	60	04	0
Cultura e Realidade Brasileira (NL)	60	04	0

Língua Estrangeira Instrumental (NL)	60	04	0
Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (NL)	60	04	0
História e Cultura Indígena (NL)	60	04	0
Projetos de Pesquisa (NL)	60	04	0

6.9.3 Ementários e referências das disciplinas

1º PERÍODO
<p style="text-align: center;">❖ LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL - 60h - (NC)</p> <p>EMENTA: Linguagem. Texto e textualidade. Gramática do texto. Critérios para a análise da coerência e da coesão. Intertextualidade. Prática de leitura e produção de textos.</p> <p>BIBLIOGRAFIA: Básica: BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima Barros. <i>Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula</i>. São Paulo: Peirópolis, 2002. DIONISIO, Ângela Paiva et al. (Org.) <i>Gêneros textuais & ensino</i>. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. GERALDI, João Wanderley. <i>O texto na sala de aula</i>. São Paulo: Ática, 2003. KLEIMAN, Ângela. <i>Leitura: ensino e pesquisa</i>. Campinas, SP: Pontes, 2001. KOCH, Ingedore G. Villaça. <i>A coesão textual</i>. São Paulo: Contexto, 2003. ____; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. <i>A coerência textual</i>. São Paulo: Contexto, 2003.</p> <p>Complementar: PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. <i>Lições de texto: leitura e redação</i>. São Paulo: Ática, 2003. VAL, Maria da Graça Costa. <i>Redação e textualidade</i>. São Paulo: Martins Fontes, 2001.</p>
<p style="text-align: center;">❖ MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA LATINA - 60h - (NCL)</p> <p>Civilização romana. Origem e evolução da língua romana. Sintaxe latina. Flexão nominal (1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª declinações). Flexão verbal (voz ativa): as quatro conjugações e o verbo ESSERE.</p> <p>BIBLIOGRAFIA: Básica: ALMEIDA, Napoleão Mendes. <i>Gramática latina</i>. São Paulo: Saraiva, 1995. COMBA, P. Júlio. <i>Introdução à língua latina</i>. São Paulo: Salesiana, 2002. MELASSO, Janete. <i>Introdução à prática do latim</i>. Brasília: UNB, 2001.</p> <p>Complementar: BUSSARELLO, Raulino. <i>Dicionário básico latino - português</i> 6.ed. Florianópolis: UFSC, 2003. CARDOSO, Zélia de Almeida. <i>Iniciação ao latim</i>. São Paulo: Ática, 2001. COMBA, P. Júlio. <i>Gramática latina</i>. São Paulo: Salesiana, 2002. REZENDE, Antônio Martinez de. <i>Latina essentia: preparação ao latim</i>. 3.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2003. STOCK, Leo. <i>Gramática de latim</i>. Lisboa: Presença, 2000.</p>
<p style="text-align: center;">❖ HISTÓRIA DA LITERATURA - 60h - (NCL)</p> <p>Os gêneros literários clássicos como visões de mundo socialmente diferentes. Literatura grega: a poesia épica clássica; a dramaturgia grega. A periodização da literatura latina. Formação da poesia e da prosa latina. O modelo clássico canônico das epopeias ocidentais; o gênero lírico como expressão da visão democrática e libertadora de parâmetros aristocráticos.</p> <p>BIBLIOGRAFIA Básica AGUIAR E SILVA, V. <i>Teoria da Literatura</i>. Coimbra: Almedina, 1979 CULLER, J. <i>Introdução à Teoria Literária</i>. São Paulo: Beca Edições, 1999. D'ONOFRIO, S. <i>Teoria do texto 1</i>. São Paulo: Ática, 2006. _____. <i>Teoria do texto 2</i>. São Paulo: Ática, 1995. PORTELLA, E. et al. <i>Teoria Literária</i>. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979. STAIGER, E. <i>Conceitos fundamentais de poética</i>. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.</p>

Complementar:

- ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1990.
- CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- COMPAGNON, A. *O demônio da teoria*. Literatura e senso comum. Trad.
- MOURÃO, Cleonice P. B. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- COSTA, L. M. da; REMÉDIOS, M. L. R. *A tragédia*. Estrutura e história. São Paulo: Ática, 1988.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- GONÇALVES, M. T.; BELLODI, Z. C. *Teoria da literatura "revisitada"*. Petrópolis, RJ; Vozes, 2005.
- JOBIM, J. L. (Org.). *Introdução aos termos literários*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. STALLONI, Y. *Os gêneros literários*. Trad. Flávia nascimento. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

❖ **FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO – 90h – (NC)**

Filosofia da Educação e suas raízes históricas. Fundamentos filosóficos da educação: concepção humanista – tradicional e moderna. A Filosofia da práxis e a dimensão ontológica da educação. Problemas básicos em Filosofia da Educação. Educando e educador: ideologia e utopia, repressão e libertação. Filosofia da educação no contexto brasileiro.

BIBLIOGRAFIA**Básica:**

- ARANHA, Maria Lucia. *Temas de filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005.
- BRANDÃO, Z. (Org.). *A crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo; Cortez. 2000.
- SILVA, Divino José; PAGNI, Pedro Angelo (Org). *Introdução a filosofia da educação: temas contemporâneos da história*. São Paulo; Avercamp, 2007. 320p.

Complementar

- COMENIUS. *Didática magna: aparelho crítico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DEMO, Pedro. *Saber pensar*. São Paulo. Cortez. 2001.
- LIPMAN, M. *Filosofia na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- _____. *O pensar na educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Introdução a filosofia: aprendendo a pensar*. Colaboração de Elizete Silva Passos. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários á educação do futuro*. São Paulo. Cortez. 2001.
- PAGNI, Pedro Ângelo; SILVA, Divino José da (Org). *Introdução á filosofia da educação: temas contemporâneos e história*. São Paulo. Avercamp. 2007.
- SUCHODOLSKI, B. *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas*. São Paulo: Centauro, 2002

❖ **METODOLOGIA CIENTÍFICA – 60h - (NC)**

Metodologia científica. Conhecimento. Ciência. Métodos científicos. Pesquisa científica. Projeto de Pesquisa científica. Projeto de Pesquisa. Relatório científico.

BIBLIOGRAFIA**Básica**

- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1991.
- MORGAN, Clifford. *Como estudar*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1990.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Complementar

- ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à metodologia do trabalho científico*. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS.
- BUZZI, Arcângelo R. *Introdução ao pensar*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CARVALHO, Maria Cecília M. *Construindo o saber. Metodologia científica fundamentos e técnicas*. São Paulo: Papyrus, 1997.
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- _____. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1995.
- ECO, Umberto. *Como se Faz uma Tese*. 14ª ed. São Paulo: Perspectiva S.A. 1996.
- GALLIANO, A. Guilherme. *O Método Científico - Teoria e Prática*. São Paulo: HABRA Ltda, 1986.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

❖ **PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM – 60h – (NC)**

Concepções atuais da Psicologia da Educação. Aspectos gerais do processo ensino – aprendizagem. Fatores psicológicos implicados na aprendizagem escolar. As teorias da aprendizagem. A interação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem. Dificuldades de aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

Básica:

BIGGE, Morris. Teorias da aprendizagem para professores. trad. José Augusto Silva P. Neto e Rolfini. São Paulo: EPU/EDUSP, 1977.

GARRET, Henry. Grandes experimentos da psicologia. Trad. Maria da Penha Pompeu de Toledo. 3a. Ed. São Paulo: Nacional, 1974.

HILGARD, Ernest Ropiequet. Teorias da aprendizagem. Trad. Nilce P. Meijas et al. São Paulo: EPU/EDUSP, 3ª reimpressão, 1973.

Complementar:

ALENCAR, Eunice S. Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem. São Paulo: Cortez, 1994.

BORGER, Robert; SEABORNE, A. E. M.. A psicologia do aprendizado. : Biblioteca Universal Popular, 1966. 321 pp.

DE ROSE, J.C. (1993). Classes de estímulos: Implicações para uma análise comportamental da cognição. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 9 (2), 283-303, 1993.

TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturla. A motivação em sala de aula. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2001. 148 pp.

PFROMM NETTO, Samuel. Psicologia da Aprendizagem e do ensino. São Paulo. EPU/EDUSP, 1987.

MENESTRINA, Tatiana Comiotto; MENESTRINA, Elói. Auto-realização e qualidade docente. PORTO ALEGRE: EST, 1996. 84p..

2º PERÍODO

❖ FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA – 60h – (NCL)

Fonética. Fonologia. Aparelho fonador. Estudo fonético-fonológico da língua portuguesa, em uso no Brasil, tendo por referência compreensão de variações e variedades de seus registros escritos e orais como recursos expressivos.

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

CAGLIARI, Luis Carlos - Análise fonológica. Série linguística vol.1, Campinas, Ed. do Autor, 1997.

CALLOU, Dinah e LEITE, Ionne - Introdução à Fonética e Fonologia. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1990.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. Uma pronúncia do português brasileira. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Estudos de fonética do idioma português. São Paulo: Cortez, 1982.

Complementar:

ASSIS, W. L. N. de. Estudo de curvas entonatórias do português do brasileiro. Dissertação de Mestrado. PUCSP, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 1995.

CALLOU, Dinah, LEITE, Yonne. Iniciação à fonética e à Fonologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática histórica. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

❖ POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA – 60h (NC)

Políticas educacionais: determinantes políticos, históricos e sociais. Aspectos legais, normativos e organizacionais das políticas educacionais no Brasil. O Plano de Desenvolvimento da Educação como política para a educação no Brasil na atualidade.

Bibliografia

Básica

LIBÂNEO, José Carlos. (Org) Educação Escolar: Políticas, estrutura e organização. São Paulo Cortez, 2003. (Coleção Docência em Formação).

SAVIANI, Dermerval. Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação: por uma outra política educacional. Campinas, autores Associados, 1999.

Bibliografia Complementar:

BRASIL, Constituição. República Federativa do Brasil. Brasília. Senado federal, 1988.

_____. LDB : ramos e avanços. Papirus, 1997.

____. Educação, estado e democracia no Brasil. São Paulo : Cortez, 1991.
 ____ . Lei nº 4024 de 20 de dezembro de 1961. Lei de diretrizes e bases da educação nacional (artigos mantidos), 1961.
 ____ . Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971. Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. 1971.
 ____ . Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário oficial da União. Brasília : n. 248, 23 dez., 1996.
 ____ . Lei nº 9424/96 de 24 de dez. de 1996. Fundo de manutenção e desenvolvimento do ensino do ensino fundamental e de valorização do magistério (FUNDEF).
 ALVES, Nilda et ali Múltiplas leituras da nova LDB. Rio de Janeiro: Dunya, 1998. BRASIL. Constituição da república Federativa do Brasil. Art.206
 BRZEZINSKI, Íria. LDB Interpretada; diversos olhares se entrecruzam. São Paulo: Cortez, 1998.
 DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, 4 ed. São Paulo. Cortez, Brasília, DF, MEC 2000. DEMO, Pedro. Participação é conquista. São Paulo, Cortez, 1990.
 DISTRITO FEDERAL. Lei Orgânica do Distrito Federal. 1983.
 TOMMASI, Livia et al O Banco Mundial e as políticas educacionais. São Paulo:

❖ **TEORIA LITERÁRIA: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS E O GÊNERO LÍRICO E O ÉPICO - 60h - (NCL)**

A Teoria Literária – campo de atuação: noções básicas de Teoria da Literatura e a importância do seu estudo. A Literatura: conceitos e funções atribuídos à Arte Literária do período Clássico ao Contemporâneo. A criação poética: a natureza e o significado do ato criador. A linguagem literária: sistema semiótico primário e sistema semiótico secundário. Teoria dos gêneros literários e das estéticas literárias.

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

UIAR E SILVA, Vitor Manuel de. Teoria da literatura. Coimbra: Almeida, 1979.
 CALVINO, Italo. Por que ler os Clássicos? São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
 EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Complementar:

COSTA, Lígia Militz da. A poética de Aristóteles – mimese e verossimilhança. São Paulo: Ática, 1992.
 LIMA, Luiz Costa. Teoria da literatura em suas fontes. Francisco Alves, Vols. 1 e 2. Ed. Revista e ampliada – Rio de Janeiro, 1982.
 MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix, 1992.

❖ **FUNDAMENTOS DA LINGÜÍSTICA - 60h - (NCL)**

A natureza da linguagem humana. Conceitos e objetos. A Linguística como Ciência. Teorias das competências linguísticas. Principais teorias linguísticas. O papel da Linguística nos cursos de Letras.

BIBLIOGRAFIA

Básica:

ILARI, R. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3. p. 53-92.
 MARTIN, R. *Para entender a linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.
 NEVES, M. H. de M. *Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. RAPOSO, E. *Teoria da Gramática*. A faculdade da linguagem. Lisboa: Caminho, 1992.
 SARFATI, G.; PAVEAU, A.-M. *As grandes teorias da linguística*. Editora Claraluz, 2006.
 SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

Complementar:

FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.
 GRANGER, G.-G. *A ciência e as ciências*. São Paulo: Editora UNESP, 1994.
 LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1996. WEEDWOOD, B. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola, 2002.

❖ **SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO - 60h - (NC)**

Teorias sociológicas da educação. Sociedade, Educação, Cultura e valores. Estudo das concepções teóricas na educação no discurso sociológico dos autores clássicos das ciências sociais e no discurso dos autores contemporâneos. Educação, Política e sociedade: as relações no âmbito interno e externo do sistema escolar. Educação: estabilidade e conflito social.

BIBLIOGRAFIA

BECKER, Egon. *Um discurso científico sobre a educação em crise: a sociologia da educação na RFA*, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, vol 67, no. 157, p. 552-570, 1986. CUNHA, Luiz Antônio. *Reflexões sobre as condições sociais de produção da sociologia da educação*. Tempo Social, Revista de Sociologia, USP, São Paulo, v. 4, ns. 1-2, p. 169-182, 1994.

ENGUITA, Mariano. Educação e teorias da resistência. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, vol 14, no. 1, p.3-15, jan./jun, 1989.

FORQUIN, Jean-Claude. A "nova sociologia da educação" na Grã-Bretanha: orientações, contribuições teóricas, evolução (1970-1980). In: FORQUIN, Jean-Claude (org.) *Sociologia da educação – dez anos de pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1995. FREITAG, Barbara. *Escola, estado e sociedade*. São Paulo: Edart, p. 9-37, 1977.

GOMES, Cândido Alberto da Costa. A sociologia da educação na perspectiva internacional. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, vol 67, no. 157, p. 517-519, 1986.

GOUVEIA, Aparecida Joly. A escola, objeto de controvérsia. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, no. 16, p. 15-19, 1976.

GOUVEIA, Aparecida Joly. A pesquisa educacional no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 1, jul. 1971.

❖ PRÁTICAS DE PROJETOS PEDAGÓGICOS – 135h – (NCL)

Diretrizes e referenciais curriculares para a educação básica. Os PCN's e o Projeto Educativo da escola. Interdisciplinaridade: um novo paradigma curricular. Processos para desenvolver a interdisciplinaridade nas classes escolares. A interdisciplinaridade no planejamento. A Pedagogia de Projetos de ensino: concepção, fundamentação, objetivos e caracterização. A formação de professores e de alunos investigadores. Passos para a construção de projetos. A prática de elaboração e aplicação de projetos pedagógicos.

BIBLIOGRAFIA:

Básica

ANDRADE, Rosamaria Calaes de. Interdisciplinaridade: um novo paradigma curricular. In: GOULART, Íris Barbosa (Org.). *A educação na perspectiva construtivista: reflexões de uma equipe interdisciplinar*. 1ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1995, p.93-104.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Nacionais para a Educação Básica*. Brasília, 2001.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (5ª a 8ª séries)*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEM, 2000.

BORDONI, Thereza Cristina. *Pedagogia de projetos: passo a passo*. AMAE educando. Belo Horizonte: Fundação AMAE para Educação e Cultura, 2000, n. 292, jun. p. 18-20.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio*. 5 ed., Porto Alegre-RS: Artmed, 1998.

GANDIN, Adriana Beatriz. *Metodologia de projetos na sala de aula: relato de uma experiência*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. *Pedagogia de projetos: intervenção no presente*. Presença Pedagógica. Belo Horizonte: Dimensão, 1996. v. 2, n. 8, mar/abr. p.24-33.

RAIÇA, Darcy (Org.). *A prática de ensino: ações e reflexões*. São Paulo: Articulação Universidade/Escola, 2000.

Complementar:

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Helena. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

3º PERÍODO

❖ DIDÁTICA – 90h – (NC)

Contextualização da Didática. Componentes do processo ensino-aprendizagem. Organização do trabalho docente: planejamento e plano de ensino. Avaliação da aprendizagem: concepções e práticas.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Nilda (org.). Formação de professores; pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 1992.
 BUFFA, Ester. Ideologias em conflitos: Escola Pública e Escola Privada. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

_____. Educação e cidadania. São Paulo: Cortez, 1991.

COMPARATO, Fábio Konder. Educação, Estado e Poder. Editora Brasiliense S.A., 1987.

CUNHA, Célio da. Educação e autoritarismo no Estado Novo. São Paulo: Cortez Editores, 1991.

CUNHA, Luiz Antônio. Educação, Estado e Democracia no Brasil. São Paulo: Cortez, 1991.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Ideologia e Educação Brasileira (Católicos e Liberais). São Paulo: Cortez e Moraes, 1978.

FAZENDA, Ivani C. Abrantes. Educação no Brasil nos anos 60. O pacto do silêncio. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

FISCHMANN, Roseli et alii (org.). Universidade, escola e formação de professores. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1986.

GADOTTI, Moacyr. Escola cidadã. São Paulo, Cortez, 1991.

ROMANELLI, Otaíza de. A história da Educação no Brasil (1930-1973). Petrópolis, Vozes, 1978.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Trabalho, Educação e Prática Social: por uma teoria da formação humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SCHARTZMAN, Simon et alii. Tempos de Copanema. Rio de Janeiro: Paz e Terra e São Paulo: EDUSP, 1984.

❖ **TEORIA LITERÁRIA: CORRENTES DA CRÍTICA LITERÁRIA E O GÊNERO DRAMÁTICO – 60h – (NCL)**

Panorama da Crítica Literária. A narrativa, a poesia e o drama. Métodos da Crítica Literária. Tendências atuais da Crítica Literária. Análise do objeto literário numa perspectiva literária.

BIBLIOGRAFIA:

Básica

BERGES, Daniel et. Al. Métodos críticos para análise literária. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix, 2000.

REUTER, Yves. Introdução à análise do romance: leitura e crítica. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Complementar:

_____. Teoria do texto 2: teoria da lírica e do drama. São Paulo: Ática, 1995.

IMBERT, Enrique Anderson. A Crítica Literária: seus métodos e problemas. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Ática, 2001.

DONÓFRIO, Salvatore. Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1995.

❖ **SOCIOLINGÜÍSTICA – 60h – (NE)**

Introdução à Sociolinguística: conceito, objeto e definição. Língua, Norma e Uso. Variação e Mudança linguística. Diversidade linguística e ensino de língua materna. Análise sociolinguística de variantes padrão/não padrão do português brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

Básica:

ALKMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à linguística. v. 1. São Paulo: Cortez. 2001. p. 7-23.

MOLLICA, C. M.; BRAGA, M. (Org.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

ORLANDI, E. P. (Org.). Política Linguística na América Latina. Campinas-SP: Pontes, 1988.

RECTOR, M. A fala dos jovens. Petrópolis: Vozes, 1994.

TARALLO, F.; ALKMIM, T. Falares crioulos. Línguas em contato. São Paulo: Ática, 1987.

TARALLO, F. Sociolinguística. São Paulo: Ática, 2000.

Complementar:

BAXTER, A. N.; LUCCHESI, D. 1997. A relevância dos processos de pidginização e

crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. Estudos linguísticos e literários, v. 19, p. 65-84. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística.

BORGES, C. L. A língua geral: revendo margens em sua deriva. In: FREIRE, B. R. J.; ROSA, C. M. (Org.). Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

CÂMARA JR., J. Mattoso. Dispersos. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

VITRAL, L. Língua geral versus língua portuguesa; a influência do processo civilizatório. In: Silva, R. V. M. e (Org.). Para a história do português brasileiro. Tomo II. São Paulo: Humanitas.

❖ **MORFOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA - 60h - (NCL)**

Forma, função e sentido. Estrutura dos vocábulos. Formação dos vocábulos. Classificação dos vocábulos.

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

CAMARA JR., Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEIRO, José Lemos. Morfologia portuguesa. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Sousa e; KOCH, Ingedore G. Villaça. Linguística aplicada ao português: morfologia. São Paulo: Cortez, 1991.

Complementar:

BASÍLIO, Margarida. Formação e classes de palavras no português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

ILARI, Rodolfo. Introdução ao estudo do léxico. São Paulo: Contexto, 2002.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. Manual de morfologia do português. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

MACAMBIRA, José Rebouças. A estrutura morfo-sintática do português. São Paulo: Pioneira, 1974.

ROSA, Maria Carlota. Introdução à morfologia. São Paulo: Contexto, 2003.

❖ **LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA - 60h - (NCL)**

A África de Língua Portuguesa e sua literatura africana (angolana, caboverdiana, moçambicana), em sua origem e desenvolvimento, caracteres lingüísticos/estilísticos, sociais. Poesia e prosa, em seus principais autores/obras. Aspectos da literatura moçambicana de autoria feminina. Ecos e Reflexos africanos na Literatura Brasileira. Conexões entre a Literatura Brasileira e a Literatura Africana em estudo.

BIBLIOGRAFIA

APA Livia et al. Poesia africana de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.

CHAVES, R. Angola e Moçambique - experiência colonial e territórios literários. Cotia: Ateliê, 2005.

CHAVES, R., CAVACAS, Fernanda, MACÊDO, Tania (Org.). Mia Couto: o desejo de contar e de inventar. Maputo: Nzila, 2010.

CHAVES, R., MACÊDO, Tania Celestino de, SECCO, Carmen Lúcia Tindó (Org.). Brasil/África: como se o mar fosse mentira. 02. ed. São Paulo/ Luanda: UNESP/ Chá de Caxinde, 2006

CHAVES, R., VIEIRA, José Luandino, COUTO, Mia (Org.). Contos africanos de língua portuguesa. São Paulo: Ática, 2009.

CHAVES, Rita de Cássia Natal. Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

GALANO, Ana Maria et al. (orgs) Língua Mar: Criações e Confrontos em Português. Rio de Janeiro: Funarte, 1997,

GOMES, Simone Caputo. Cabo Verde - Literatura em Chão de Cultura. São Paulo: Atelier, 2005.

MACEDO, T. C. Luanda, cidade e literatura. São Paulo; Luanda: UNESP; Nzila, 2008.

MACEDO, T. C., CHAVES, Rita de Cássia Natal (Org.). Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.

MACÊDO, Tania Celestino de, CHAVES, R. Literaturas de língua portuguesa - Marcos e Marcas - Angola. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

MATA, I., PADILHA, Laura (Org.). A mulher em África - Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

MATA, Inocência. Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta. Lisboa: Mar Além, 2001.

PADILHA, Laura, RIBEIRO, M. C. (Org.). Lendo Angola. Porto: Afrontamento, 2008.

PADILHA, Laura. Entre voz e letra. O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. 2. ed. Niterói / Rio de Janeiro: EdUFF / Pallas, 2007.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. A magia das letras africanas: ensaios escolhidos sobre literaturas de Angola, Moçambique e alguns outros diálogos. Rio de Janeiro: ABE Graph, 2003.

_____. *Eroticus moçambicanus: Virgílio de Lemos & heterônimo*; breve antologia da poesia escrita em Moçambique, 1944-1963. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Faculdade de Letras da UFRJ, 1999.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Teresa (Org.). *África & Brasil: letras em laços*. 2. ed. São Paulo: Yendis, 2006.

SILVA, Manuel de Souza. *Do alheio ao próprio: a poesia em Moçambique*. São Paulo: Edusp, 1996.

TABORDA, Terezinha. *O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2005.

❖ **PRÁTICA DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA E TEXTOS LITERÁRIOS EM LÍNGUA PORTUGUESA - 135h - (NCL)**

Desenvolvimento de habilidades cognitivas a partir da integração dos conteúdos das disciplinas que compõem o presente semestre e o anterior. Para isso, enfatiza o próprio desenvolvimento da leitura, análise e interpretação de múltiplas linguagens através de textos diversos.

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

ANTONIO CÂNDIDO. *Formação da literatura brasileira*. V.I e II. Belo Horizonte, Itatiaia, 1996.

FIORIN, José Luís; SAVIOLI, Francisco. *Para entender o texto*. São Paulo, Ática, 1996.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística*. Rio de Janeiro, Guanabara: Koogan, 1987.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo, Ática, 1998.

SILVA, E.T. DA. *Criticidade e leitura: ensaios*. Campinas: Mercado de Letras, Associação Brasileira de Leitura, 1998.

Textos jornalísticos, teóricos, literários, etc.

Complementar:

CAVALCANTI, Marilda C. *Interação leitor-texto: aspectos de interpretação pragmática*. Campinas: UNICAMP, 1989.

GENOUVRIER, E. & PEYTARD, J. *Linguística e ensino de português*. Trad. de Rodolfo Ilari, Coimbra: Almedina, 1985.

KOCH, Ingedore V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1989.

4º PERÍODO

❖ **FILOLOGIA ROMÂNICA - 60h - (NCL)**

Conceito e evolução da Filologia. Variedades da Língua Latina. Características do latim vulgar. A formação das línguas românicas. O estudo comparativo de textos em português, espanhol e italiano.

BIBLIOGRAFIA:

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos da Filologia Românica*. São Paulo: EDUSP, 2003.

COUTINHO, Ismael. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1979.

ELIA, Sílvio. *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1979.

SOUZA, Antônio Cândido Melo e et al. *Estudos de filologia e lingüística*. São Paulo: EDUSP, 1981.

MAURER, Theodoro Henrique, jr. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

POSNER, Rebecca. *The romance languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MELO, Gladstone Chaves. *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1981.

STÖRIG, Hans Joachim. *Aventura das línguas: uma história de idiomas do mundo*. 4.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. São Paulo: Ática, 1982.

❖ **LITERATURA BRASILEIRA DAS ORIGENS AO ARCADISMO - 60h - (NCL)**

Literatura de Informação. Literatura Catequética. Barroco. Arcadismo.

BIBLIOGRAFIA:

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através de textos*. São Paulo: Cultrix, 1997.

PROENÇA FILHO, Dominicio. *Estilos de época na literatura*. São Paulo: Ática, 1995.

❖ **LITERATURA INFANTOJUVENIL - 60h - (NC)**

Estatuto da literatura infantil. Origens históricas do gênero. Características da obra literária para crianças e jovens. A narrativa e a poesia infanto-juvenil. A produção Literária brasileira para crianças e jovens. Critérios de seleção de textos.

BIBLIOGRAFIA

BUSATTO, Cleo. A arte de contar histórias no Século XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil-teoria, análise, didática. São Paulo, Ática, 1997 6ª d.

COELHO, Nelly Novaes. Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1990 4ª d.

LAJOLO, Marisa \$ ZILBERMANN, Regina. Literatura infantil brasileira: histórias & histórias. São Paulo: Ática, 1987.

BETENLHEIN, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, 8ª d.

KHEDE, Sonia Salomão. Personagens da Literatura Infanto-Juvenil. São Paulo: Ática, 2000.

SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. 2ª Ed. Curitiba: Positivo 2005.

❖ **LITERATURA PORTUGUESA DAS ORIGENS AO ARCADISMO - 60h - (NE)**

O Trovadorismo português. O Humanismo em Portugal. O Renascimento literário português. A literatura barroca. O movimento literário árcaico (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

Bibliografia

Básica:

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CASTELLO, José Aderaldo. Manifestações literárias da era colonial. São Paulo: Cultrix, 1969.

RONCARI, Luiz. Literatura Brasileira. Dos primeiros cronistas aos últimos românticos. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

Complementar:

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1975.

CANDIDO, Antonio. Na sala de aula. Rio de Janeiro: Atica, 1993.

SODRE, Nelson Weneck. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

ANCHIETA, José. Auto de São Lourenço. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967

AZEVEDO FILHO, Leodegário. Prefácio. In: ANCHIETA, José. Auto de São Lourenço. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967

CAMINHA, Pero Vaz de. Carta a El Rei D. Manuel. São Paulo: Dominus, 1963.

❖ **SINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA - 60h - (NE)**

Estudo da sintaxe. Fundamentação da noção de gramática. Categorias da descrição gramatical.

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

AZEREDO, José Carlos de. Iniciação à sintaxe do português. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SAUTCHUK, Inez. Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo) sintática.

Barueri.SP:Manole,2004.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Sousa e; KOCH, Ingedore G. Villaça. Linguística aplicada ao português: sintaxe. São Paulo: Cortez, 1993.

Complementar:

AZEREDO, José Carlos de. Fundamentos de gramática do português. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BECHARA, Evanildo. Lições de português pela análise sintática. Rio de Janeiro: Padrão, 1992.

_____. Moderna gramática portuguesa. 34. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1992.

CHARLIER, Françoise Dubois. Bases de análise linguística. Coimbra: Almedina, 1981.

PERINI, Mário A. Para uma nova gramática do português. 8. ed. São Paulo: Ática, 1995.

❖ **PRÁTICA INTERDISCIPLINAR DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL EM LÍNGUA PORTUGUESA - 135h - (NE)**

Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para Ensino Fundamental e Médio. Os novos paradigmas para o ensino de Língua Portuguesa. Apresentação da área de Língua Portuguesa. Conceitos e procedimentos subjacentes às práticas de linguagem. Práticas de leitura de textos escritos.

O ato de ler. Estratégias de leitura. As habilitações de leitura de textos em língua materna. Elaboração e ampliação de Projetos de Leitura. Prática de produção de textos orais e escritos. As práticas de escritas. Condições de produção do texto escrito. Elaboração e ampliação de projetos de Escrita.

BIBLIOGRAFIA:

ANDRADE, Rosamaria Calaes de. Interdisciplinaridade: um novo paradigma curricular. In: GOULART, Íris Barbosa (Org.). A educação na perspectiva construtivista: reflexões de uma equipe interdisciplinar. 1ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1995, p.93-104.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Básica. Brasília, 2001.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio.

BORDONI, Thereza Cristina. Pedagogia de projetos: passo a passo. AMA. Belo Horizonte: Fundação AMAE para Educação e Cultura, 2000, n. 292, jun. p. 18-20.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5 ed., Porto Alegre-RS: Artmed, 1998.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2000.

GANDIN, Adriana Beatriz. Metodologia de projetos na sala de aula: relato de uma experiência. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. Pedagogia de projetos: intervenção no presente. Presença Pedagógica. Belo Horizonte: Dimensão, 1996. V. 2, n. 8, mar/abr. p.24-33.

5º PERÍODO

❖ **SEMÂNTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA – 60h – (NCL)**

Aspectos da significação lexical e da significação contextual. Significação e contexto. Referência, sentido e denotação. Os campos semânticos. As relações de sentido. Léxico e semântica

BIBLIOGRAFIA

AZEREDO, J.C. Iniciação à sintaxe do Português. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

BATISTA, R.O. A palavra e a sentença: estudo introdutório. São Paulo: Parábola, 2011.

MACAMBIRA, J. A estrutura morfo-sintática do português. São Paulo: Pioneira, 1999. SAUTCHUK, I. Prática de morfossintaxe. São Paulo: Manole, 2004.

❖ **LITERATURA PORTUGUESA DO ROMANTISMO AO REALISMO – 60h – (NE)**

O Romantismo em Portugal. A literatura realista/naturalista portuguesa (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

BIBLIOGRAFIA

Básica:

D'ALGE, Carlos. As relações brasileiras de Almeida Garrett. Rio de Janeiro, Tempo Brasiliense/MEC, 1978.

LINHARES FILHO, José. “Amor e misticismo em João de Deus”. In: Revista da Academia Cearense de Letras. Fortaleza, Ano XLII, 13-17, 1981.

_____. “O místico e o social em ‘São Cristóvão’, de Eça de Queirós”. In: Revista de Letras, UFC, 6 (1/2), jan./dez., 1983, p. 63-82.

MARTINS, Elizabeth Dias. “Passos da paixão em Almeida Garrett”. In: Revista de Letras. Nº 25, Vol. 1/2, jan./dez., 2003, p. 30-35.

_____. Cenas de Lisboa n’O Livro de Cesário Verde. Fortaleza: IAPEL, 2001.

MOISÉS, Massaud. A literatura portuguesa. 30ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

PONTES, Roberto. *Três variações de Mefisto em Eça*. Rio de Janeiro: Trifólio, 1997.

_____. “A perspectiva romântica de *Amor de perdição*”. Prefácio In: BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de perdição*. Fortaleza: ABC Editora, 2001. _____. “*Amor de salvação: Um elogio da felicidade*”. Prefácio In:

BRANCO, Camilo Castelo. Fortaleza: ABC Editora, 2003.

SARAIVA, Antônio José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 17ª ed. Porto: Porto Editora, 2000.

SILVEIRA, Francisco Maciel et al. *A literatura portuguesa em perspectiva: Classicismo, Barroco e Arcadismo*, v. 2. São Paulo: Editora Atlas, 1993.

VECCHI, Carlos Alberto et al. *A literatura portuguesa em perspectiva: Romantismo e Realismo*, v. 3. São Paulo: Editora Atlas, 1994.

Complementar:

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. *Opera omnia* 3 v. Lisboa: Livraria Bertrand, 1969.
 CHAVES, Castelo Branco. *O romance histórico no Romantismo português*. Lisboa: ICALP, 1980.
 COELHO, Jacinto do Prado. *Introdução à novela camiliana*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1982.
 _____. *Dicionário de literatura*, vols. I, II, III. Porto: Figueirinhas, 1973. CORTESÃO, Jaime. *Eça de Queirós e a questão social*. Lisboa: Portugália, 1970.
 FERREIRA, Alberto. *Perspectiva do Romantismo português (1833-1865)*. Lisboa: Moraes Editores, 1979.
 _____. *História da literatura realista: 1871-1900*. São Paulo: Anchieta, 1946.
 FIGUEIREDO, João Pinto de. *Cesário Verde: A obra e o homem*. Lisboa: Editora Arcádia, 1981.
 LEMOS, Esther de. *A Clepsidra de Camilo Pessanha: notas e reflexões*. Lisboa: Verbo, 1981.
 LEPECKI, Maria Lúcia. *Romantismo e Realismo na obra de Júlio Dinis*. Lisboa: ICALP, 1979.
 MACEDO, Helder. *Cesário Verde: O romântico e o feroz*. Lisboa: Edição & etc, 1988.
 MACHADO, Álvaro Manuel. *As origens do Romantismo em Portugal*. Lisboa: ICALP, 1979

❖ **LITERATURA BRASILEIRA DO ROMANTISMO AO REALISMO - 60h - (NE)**

O Romantismo brasileiro. A literatura realista/ naturalista (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

BIBLIOGRAFIA**Básica:**

CRUZ E SOUZA, *Obra completa*. Org. por Andy Muricy, Rio de Janeiro: Aguilar, 1961. Machado de Assis, *Dom Casmurro*
 BILAC, Olavo, *Poesias*, 28ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1964.
 CASTELLO, José Aderaldo. *Realidade e ilusão em Machado de Assis*. São Paulo: C.E.N.-EDUSP, 1969.
 VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 5ª ed., 1969.
 BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos; Vida literária e romantismo brasileiro*. Prefácio de Alexandre Eulálio. São Paulo: Pólis / Brasília: INL, 1979
 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira; Momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, 2 v.
 CANDIDO, Antonio, CASTELLO, J. Aderaldo. Romantismo. In: _____. *Presença da literatura brasileira*. 10. ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Difel, 1980. v. 1: "Das origens ao romantismo". p. 203-215.
 CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3. ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987, v. 5: O romantismo.
 CASTELLO, José Aderaldo. *Antologia do ensaio literário paulista*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura / Comissão de Literatura, 1960. (Coleção Textos e Documentos, 3).
 _____. *Textos que interessam à história do romantismo I*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura / Comissão de Literatura, 1961. (Coleção Textos e Documentos, 4).
 _____. *Textos que interessam à história do romantismo II*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura / Comissão de Literatura, 1963. (Coleção Textos e Documentos, 6).
 _____. Época romântica. In: _____. *Aspectos do romance brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC / Serviço de Documentação, s.d. p. 13-64.

Complementar:

CHAVES, Castelo Branco. *O romance histórico no Romantismo português*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1979. (Biblioteca Breve, 45).
 COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor; Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
 COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Olympio / Niterói: EDUFF, 1986, v. 3: O romantismo.
 CUNHA, Fausto. *O romantismo no Brasil; De Castro Alves a Sousândrade*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1971. (Série Estudos sobre o Brasil e a América Latina, 17).
 FERRAZ, Maria de Lourdes A. *A ironia romântica*. Lisboa: Imprensa-Casa da moeda, s.d.
 FERREIRA, Alberto. *Perspectiva do romantismo português (1834-1865)*. Lisboa: Edições 70, 1971. (Textos de Cultura Portuguesa, 1).
 FIGUEIREDO, Fidelino. *História da literatura romântica*. 3. ed. rev. São Paulo: Anchieta, 1946.

❖ **LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS - 60h - (NC)**

Língua e Linguagem. LIBRAS. Educação de Surdos. Filosofias Educacionais. Cultura e comunidade

surda. Gramática da LIBRAS. Fundamentos Legais.

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

CAPOVILLA, Fernando César. Enciclopédia da língua de sinais brasileira v.1: o mundo do surdo em libras - educação. São Paulo: USP, 2005.

CORRÊA, Ruan Pablo de Araújo. A utilização da linguagem de sinais como recurso de comunicação diferencial. [?], 2004.

DORZIAT, Ana. O outro da educação: pensando a surdez com base nos temas Identidade/Diferença, Currículo e Inclusão - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FELIPE, Tânia A. Libras em contexto: curso básico. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

HONORA, Márcia. Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

PIMENTA, Nelson. Curso de Libras, 1. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica. V.1. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SKLIAR, Carlos. Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

❖ **LINGÜÍSTICA APLICADA - 60h - (NE)**

Definição, domínio e terminologias específicas da área de Linguística Aplicada (LA) e visão de seu objeto de estudo. Visão dos fundamentos da LA sobre o ensino e a aprendizagem de língua materna. Diferentes pesquisas aplicadas à Língua Portuguesa e seus pressupostos teórico-metodológicos. A relação entre teorias de ensino e aprendizagem de línguas. Avaliação e produção de materiais didáticos.

BLOGRAFIA

Básica:

ALMEIDA FILHO, J.C. de. O ensino de línguas no Brasil de 1978. E agora? Revista brasileira de linguística aplicada, 1, 2001

CAVALCANTI, M. A propósito de linguística aplicada. Trabalhos em linguística aplicada, 7, 1986.

CELANI, M. A. A. A relevância da linguística aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. In: Fortkamp, M.

B. M. & Tomitch, L. M. B. (orgs.). Aspectos da linguística aplicada. Florianópolis: Insular, 2000.

_____. Afinal, o que é linguística aplicada? In: Paschoal, M. S. Z. de. E Celani, M.A.A. Linguística aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992.

KLEIMAN, A. B. O estatuto disciplinar da linguística aplicada: o traçado de um percurso.

Um rumo para o debate. In: Signorini, I. & Cavalcanti, M. C. (orgs.). Linguística aplicada e transdisciplinaridade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

Complementar:

BERBER SARDINHA, T.. Linguística de corpus. Barueri: Manole. 2004.

CASTRO, S.T.R. Pesquisas em linguística aplicada: novas contribuições. Cabral Editora, . 2003.

MOITA LOPES, L.P. Oficina de linguística aplicada. Mercado de Letras, 1996.

MOITA LOPES. L. P. Contextos institucionais em linguística aplicada: novos rumos. Intercâmbio, Vol. 5, 1996: 3 - 14.

PRABHU, N. S. Ensinar é, no máximo, esperar que o melhor aconteça. Horizontes de linguística aplicada, 2, n 1, 2003.

❖ LITERATURA MARANHENSE - 60h - (NE)
<p>Literatura Maranhense: origem, formação, movimentos e agremiações. Poesia maranhense (séculos XIX e XX): principais representantes (neoclássicos e românticos, parnasianos, simbolistas, modernistas, contemporâneos da atualidade), em seus aspectos temáticos, linguísticos e estilísticos. A romanesca maranhense (séculos XIX e XX), principais autores(as) e obras.</p> <p>BIBLIOGRAFIA: ABRANCHES, Dunsche. O Cativoiro. São Luís-Ma., Alumar, 1992. BORRALHO, José Henrique de Paula. Terra e Cé de Nostalgia: tradição e identidade em São Luís do Maranhã. São Luís-Ma.:Fapema/Café e Lapis, 2009. _____. Uma Athenas Equinocial - a literatura e a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro. BRANDÃO, Jacyntho José Lins. Presença maranhense na Literatura Nacional. São Luís-Ma: UFMA?SIOGE, 1979. CALDEIRA, José de Ribamar. O Maranhão na literatura dos viajantes do século XIX. São Luís-Ma.: AML?SIOGE, 1991. CORRÊA, Rossini. Atenas Brasileira: a cultura maranhense na civilização nacional. Brasília: Thesaurus/Corrê&Corrêa, 2001. _____. O Modernismo no Maranhão. Brasília: Corrêa &Corrêa Editores, 1989. JANSEN, José. Teatro no Maranhão. Rio de Janeiro: Gráfica Olympica Editora, 1974. LEAL, Antonio Henriques. Phanteon Maranhense, Ensaio biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos. São Luís, 1873. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987. Tomos I e II. LOBO, Antonio. Os Novos Atenienses. Subsídios para História Literária do Maranhão. São Luís-Ma. Typografia Teixeira, 1909. MARQUES, César Augusto. Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão. Rio de Janeiro: Fonfon e Seleta, 1970. MEIRELLES, Mário Panorama da Literatura Maranhense. São Luís-Ma.: Imprensa Oficial, 1955. MORAES, Jomar. Apontamentos de Literatura Maranhense.2ª. ed. SãoLuís-Ma.: Sioge, 1977.</p>
6º PERÍODO
❖ LUSOFONIA - 60h - (NCL)
<p>Abordagem histórica e sociolinguística da Língua Portuguesa. Constituição do léxico português. Lusofonia aproximação linguística e distanciamento cultural. Língua Portuguesa: identidade e cultura. Perspectiva literária e historiográfica: Europa, África, Ásia e América.</p> <p>BIBLIOGRAFIA: Básica: ALVAREZ, M. L. O. Língua e cultura no contexto de português. Campinas: Pontes, 2010. DIAS, M. P. de L. & ROQUE, H. J. Cultura e Identidade, discursos. São Paulo: Ensino Profissional, 2007. ELIA, Silvio. A língua portuguesa no mundo. São Paulo: Ática, 1989. PAGOTTO, E. G. Variação e identidade. Alagoas: EDUFAL, 2004. Complementar: ARAÚJO, A. F. da C. Língua e identidade, reflexões discursivas. Alagoas: EDUFAL, 2007. BASTOS, N. B. & PALMA, D. V. (orgs.) História Entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX. Rio de Janeiro - RJ: Lucerna, 2004, BASTOS, N. B. Língua Portuguesa em calidoscópico. São Paulo: EDUC / FAPESP, 2004, ELIA, Sílvio. Fundamentos histórico-linguísticos do português do Brasil. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. PERINI, Mário A. A língua do Brasil amanhã e outros mistérios. São Paulo: Parábola, 2004.</p>
❖ LITERATURA PORTUGUESA DO SIMBOLISMO ÀS TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS - 60h - (NE)
<p>O Simbolismo literário. O movimento literário modernista. Tendências Contemporâneas em Portugal (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).</p> <p>BLIOGRAFIA Básica: ABDALAR-JR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. História social da literatura portuguesa. 3 ed. São Paulo, Ática, 1990. CALBUCCI, Eduardo. Saramago: um roteiro para os romances. São Paulo, Ateliê Editorial, 1999. FRIEDRICH, Hugo. A estrutura da lírica moderna. São Paulo, Duas Cidades, 1990. GOMES, Álvaro Cardoso. A Literatura Portuguesa em Perspectiva, São Paulo, Editora Atlas, 1994. MIGUEL, Jorge. Curso de literatura. São Paulo, Harbra, 1986.</p>

MOISÉS, Massaud. A literatura portuguesa através dos textos. 25 ed. São Paulo, Cultrix, 1999.
 MONIZ, Antônio. Para uma leitura de sete poetas contemporâneos. Lisboa, Editorial Presença, 1997.
 SARAIVA, Antônio José, LOPES, Oscar. História da literatura portuguesa. 15 ed. Porto, Ed.
 VECHI, Carlos Alberto – Et Al. A Literatura Portuguesa em Perspectiva V. 3, São Paulo, Atlas, 1994.

Complementar:

ABDALA-JR, Benjamin. Movimentos e estilos literários. São Paulo, Scipione, 1995. (Col. Margens do Texto)

_____, Introdução à análise da narrativa. São Paulo, Scipione, 1995.

FOSTER, E.M. Aspectos do romance. São Paulo: Globo, 2004.

MASON, Jayme. Mestres da literatura russa. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

MOISÉS, Massaud. Pequeno dicionário de literatura portuguesa. São Paulo, Cultrix, 1987.

REUTER, Yves. Introdução à análise do romance. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Col. Leitura e Crítica)

ROSENFELD, Anatol et al. A personagem de ficção. 10 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Col. Debates)

❖ LITERATURA BRASILEIRA DO SIMBOLISMO AO MODERNISMO - 60h - (NE)

O Simbolismo literário. O Parnasianismo brasileiro. O pré-modernismo. A primeira fase do Modernismo no Brasil. A segunda fase modernista (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

BIBLIOGRAFIA:

CADERMATORI, Lígia. Períodos Literários. São Paulo: Ática, 1989.

MORICONI, Ítalo. Como e porque ler a poesia brasileira do século XX. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PROENÇA FILHO, Domício. Estilos de época na literatura. São Paulo: Ática, 1988.

REVISTA SABERES LETRAS: lingüística, língua, literatura. Vitória: Saberes Instituto de Ensino, 2003-

❖ PRODUÇÕES ACADÊMICO-CIENTÍFICAS - 60h - (NCL)

Gêneros textuais e produções acadêmico-científicas com enfoque na orientação para pesquisa e produção de trabalho de conclusão de curso.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, A.; LEHFELD, N. Projeto de pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1998.

CARRANCHO, A. Metodologia da Pesquisa Aplicada à Educação. Rio de Janeiro: Waldyr Lima Editora, 2005.

FAZENDA, I. (Org.) Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas: Papirus, 1998.

GIL, A. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1987.

HENRIQUES, Cláudio Cezar e SIMÕES, Darcília. A Redação de Trabalhos Acadêmicos: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

MACHADO, Anna Raquel. Planejar Gêneros Acadêmicos: escrita científica-texto acadêmico-diário de pesquisa-metodologia. São Paulo, Parábola, 2005.

MINAYO, M. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOREIRA, A. F. (Org.) Para quem pesquisamos? para quem escrevemos? o impasse dos intelectuais. São Paulo: Cortez, 1999.

ROT, Désirée Motta e HENDGES Graciela Rabuske. Produção Textual na Universidade. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

SIMÕES, Darcília (org.). A produção de monografias. Coleção *Em Questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 1998.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Tradução Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SZYMANSKI, H. (Org.). A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002.

THIOLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1998.

❖ ANÁLISE DO DISCURSO - 60h - (NCL)

Estudo das noções de texto, discurso e gênero textual, com ênfase nas relações entre, discurso e contexto. As leis do Discurso. As diferentes Análises do Discurso. Análise do Discurso: origem, filiação teórica e fases. Conceitos de sentido e sujeito. Condições de produção, ideologia e interdiscurso.

Prática discursiva.

Bibliografia

Básica:

BRANDÃO, Helena Nagamine . *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas. Editora da Unicamp. 2000
 BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec. CHAUI, M. *O que é ideologia*.
 São Paulo: Brasiliense. 1980

Complementar:

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. Lisboa , Presença /Martins Fontes. 1974
 BENVENIST, E. *Problemas de lingüística geral.Volumes I e II*. São Paulo: Companhia Editora Nacional /Edusp. 1985
 FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. London: Longman. 1989
 FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. 3.ed. Trad L. F. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1987
 _____ *Vigiar e punir*. 28 ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes. 2004
 GNERRE, M. *Linguagem escrita e poder*. São Paulo. Martins Fontes. 1986
 GIDDENS, A. *Modernity and self-identity: self and society in the late modern age*. Polity Press. 1991
 THOMPSON, John B. *Studies in the theory of ideology*. Cambridge, Polity Press. 1984
 _____ *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes. 1995
 Van DIJK, T. *Discourse as social interaction*. Sage Publications. 1997
 Van MAANEN, John *Tales of the field*. Chicago: The University of Chicago Press. 1988

7º PERÍODO

❖ **LITERATURA BRASILEIRA - TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS- 60h - (NE)**

A geração literária de 1945. A literatura da geração de 1960. A ficção e poesia de 1970 à atualidade (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

BLOGRAFIA

ÁVILA, Affonso (org.). *O Modernismo*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
 BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1983.
 CAMPOS, Augusto de, PIGNATARI, Décio, CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da poesia concreta*.
 São Paulo: Duas Cidades, 1975.
 HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Esses poetas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.
 LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
 FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF; Rio de Janeiro: EDUFF, 2005
 PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

❖ **ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO - ENSINO FUNDAMENTAL - 225h- (NE)**

Conceito, objetivos e recomendações do estágio supervisionado. Simulação de aulas. Habilidades técnicas. Exercício do Estágio Supervisionado. Acompanhamento e avaliação do Estágio Supervisionado.

BIBLIOGRAFIA:

BENIGNA, Maria de Freitas Villas Boas. *A avaliação formativa: em busca do desenvolvimento do aluno, do professor e da escola*. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. FONSECA, Marília (orgs). *As dimensões do projeto político pedagógico*. Campinas: Papyrus, 2001.
 CASASANTA, Leda Botelho Martins. (apres) *Pedagogia de projetos: cadernos amae*. Belo Horizonte: Fundação Amae para Educação e Cultura. Outubro, 2000. 60p. Edição especial.
 CASTRO, Amélia Domingues e CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (org). *Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média*. Pioneira: copyright 2001 de Pioneira Thompson Learning Ltda.
 ELICHIRIGOITY, Maria Teresinha Py (org.). *Técnicas e jogos para aprendizagem de língua estrangeira na sala de aula*. Pelotas: Educat, 1999.
 FURTADO, Maria Sílvia Antunes. *Resumos e transparências sobre o estágio supervisionado*. São Luís, 2003.
 HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2.000.
 LIBÂNIO, José Carlos. *Didática*. 21 ed. São Paulo:Cortez, 2002.
 LUCKESI, Cipriano. C. *A avaliação da aprendizagem escolar*. 12 ed. São Paulo:Cortez, 2002.
 MARTINS, Jorge Santos. *O trabalho com projetos de pesquisa: do ensino fundamental ao ensino médio*.

2 ed. Campinas: Papyrus, 2002.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: língua estrangeira. Ensino fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: língua portuguesa. Ensino fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: introdução.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: temas transversais.

RAPOSO, Euline Nunes. O estágio supervisionado na formação de educadores. Texto elaborado pela professora do Uniceuma para a disciplina Estágio Supervisionado. São Luís, 2003.

RIOS, Maria de Fátima Serra. Portfólio: um instrumento de avaliação progressiva. São Luís: UEMA, 2000. 3P.

RONCA, Antônio Carlos Caruso e ESCOBAR, Virgínia Ferreira. Técnicas pedagógicas: domesticação ou desafio à participação? Petrópolis: Vozes, 1986.

8º PERÍODO

❖ ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO - ENSINO MÉDIO - 180h - (NE)

Estágio supervisionado: normas de operacionalização de estágio. Planejamento: formulação de objetivos. Técnicas de incentivação. Seleção e organização de conteúdo.

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

PESSOA, Ana Maria Prática de ensino. Editora Pioneira, SP 1994.

BORDEVANE, Juan Diaz & PEREIRA, Adair Martins. Estratégias de ensino. Vozes, Petrópolis, 1998. 1998.

DELORS, Jacques (organizador). Educação: um tesouro a descobrir. S.Paulo, Cortez; Brasília, DF: MEC:UNESCO, 2001.

CANDAU, Vera Maria (org.) Cultural linguagem e subjetividade no ensinar e apreender. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. 2. ed.

_____. Ensinar e apreender: sujeito, sabores e pesquisa. ENDIPE, Rio de Janeiro: DP & A, 2002. 2. ed.

Complementar:

CARNEIRO, Moacir Alves. Os projetos juvenis na escola de Ensino Médio. Brasília, DF: Interdisciplinar, 2001. Vozes, Petrópolis, 2002.

DEL RIO, Maria José. Psicopedagogia da língua oral: um enfoque comunicativo. Porto Alegre, Artes Médicas. 1996.

PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

DISCIPLINAS DE NÚCLEO LIVRE (NL)

❖ FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA (NL) – 60h

Fundamentos legais da política da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. A escola regular como espaço inclusivo. Aprendizagem e possibilidades da pessoa com necessidades especiais no contexto social. Adequações curriculares. Atendimento educacional especializado.

BLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Salete F. *A inclusão da criança com deficiência*. Criança Especial. São Paulo: Roca, 1995.

BRASIL. CORDE. *Declaração de Salamanca e Linha de Ação*. Brasília: Corde, 1994.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, 9394/96* (artºs 58 a 60). Brasília: 1996.

_____. *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica – Resolução CNE/CEB nº 2, de 11/09/2001*. Brasília: SEESP/MEC, 2001.

BUENO, José Geraldo Silveira. *A inclusão de alunos deficientes nas classes comuns do ensino regular*. temas sobre desenvolvimento, V.9, nº 54, p. 21-7, 2001.

CARVALHO, Rosita Edler. *Educação Inclusiva: Com os Pingos nos "is"*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2004.

DUARTE, José B. (org) *Igualdade e Diferença numa Escola para Todos: Contextos, controvérsias, perspectivas*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas 2001.

OMOTE, Sadao (org.). *Inclusão: Intensão e realidade*. Marília: FUNDEP, 2004, p.1-9 e 113-143.

RIBEIRO, Maria Luisa Sprovieri e BAUMEL, Rosely C. R. de Carvalho (orgs). **Educação Especial: do querer ao fazer.** São Paulo: Avercamp, 2003 (cap. I, II, V)

❖ **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA (NL) – 60h**

A educação no contexto histórico da formação do Estado Brasileiro: período Colonial até os dias atuais A educação no contexto neoliberal. Educação maranhense: aspectos sociais e históricos.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, F. de. A Reconstrução Educacional no Brasil. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

BUFFA, E. A questão das fontes de investigação em História da Educação. Série Estudos, no. 12, dez. 2001. Campo Grande, 1995, p.79-86.

_____. Contribuição das Ciências Humanas para a Educação: a História. Em Aberto, Brasília, INEP, IX (47), jul. set. 1990.

_____; NOSELLA, P. A Educação Negada. Introdução ao estudo da Educação Brasileira Contemporânea. 2ª ed., S. Paulo: Cortez Ed., 1997.

_____; PINTO, G. A. Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1873-1971. São Carlos: EDUFSCar/INEP, 2002, 174 p.

CUNHA, L. A. "Diretrizes para o estudo histórico do ensino superior no Brasil". Rio de Janeiro: Forum Educacional, 5 (2):3-28, abr.jun. 1981.

_____. A Universidade Temporã: o ensino superior da Colônia à era de Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

_____. A Universidade Crítica: O Ensino Superior na República Populista. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

_____. A Universidade Reformanda: o Golpe de 64 e a Modernização do Ensino Superior. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

H Aidar, M. L. M. O Ensino Secundário no Império Brasileiro. São Paulo: EDUSP, 1972.

Horta, J. S. B. Liberalismo, Tecocracia e Planejamento Educacional no Brasil. São Paulo, Cortez Ed., 1982.

❖ **FILOSOFIA DA LINGUAGEM (NL) – 60h**

Formulação das questões linguageiras, O universo do símbolo, As estruturas da linguagem, Pensamento e Palavra. O discurso. Linguagem e cultura. Questões hermenêuticas.

BIBLIOGRAFIA:

ALSTON. Filosofia da linguagem. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

ARAÚJO, Inês L. Do signo ao discurso – introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2008.

CASSIRER, A. A filosofia das formas simbólicas. México: Fondo de Cultura econômico, 1971

KARL-OTTO, Apel. La transformacion de la filosofia. Madrid: Taurus, 1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Signos. Rio de Janeiro: Zahar, 1960.

❖ **CULTURA E REALIDADE BRASILEIRA (NL) – 60h**

Cultura Brasileira: Mito ou Realidade. Bases Históricas da Cultura, Ideologia e Visão do Mundo da Cultura Brasileira. Estrutura Histórica e Social da Cultura Nacional. Cultura Nacional e Regional. Cultura Popular e Brasileira.

BLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria da Conceição de; CENCIG, Paula Vanina.(Org.). A natureza me disse.

AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. São Paulo: Editora Moderna, 1983. (Coleção Travessias)

BOFF, Leonardo. A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CAMPIBEEL, Josefh. Mito e transformação. São Paulo: Ágora, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. Anúbis e outros ensaios.

_____. Lendas brasileiras.

CYRULNIK, Boris. Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

CUNHA, Euclides. Os sertões.

FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973.

LOBATO, Monteiro. Negrinha.

_____. Sítio do pica-pau amarelo.

QUINN, Daniel. Ismael: um romance da condição humana. Tradução: Thelma Médice

Nóbrega. São Paulo: Petrópolis, 1998.

❖ **TEORIA DA COMUNICAÇÃO (NL) – 60h**

Comunicação: Conceito e Histórico. Visão Sistemática. A Comunicação e a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia. Comunicação e Semiologia. Teoria da Linguagem, Processo Signífico: Níveis Sintáticos, Semânticos, Pragmáticos e as Formas de Comunicação no Mundo Atual.

ARISTOTELES. Arte Retórica, Arte Poética. Rio de Janeiro, tecnoprint, s.d.

MATTELART, Armand & Michele. História das Teorias da Comunicação. São Paulo, Loyola, 1999.

POLISTCHUK, Ilana & TRINTA, Aluizio Ramos. Teorias da Comunicação – o pensamento e a prática da Comunicação Social. Rio de Janeiro, Campus, 2003.

Complementar:

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Língua. 6 ed., São Paulo, Hucitec, 1992.

ECO, Umberto. Lector in Fabula – a cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo.

❖ **LÍNGUA INGLESA INSTRUMENTAL (NL) – 60h**

Ênfase na leitura. Utilização de estratégias eficientes que capacitem o aluno a ler com compreensão textos em inglês sem auxílio de dicionário.

BIBLIOGRAFIA:

BRONKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos:** por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ. 1999.

DIÓGENES, Cândido de Lima (org.) **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: conversa com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

EDMUNDSON, Maria Verônica A Da Silveira. **Leitura e Compreensão de textos no Livro Didático de Língua Inglesa.** João Pessoa. Editora do CEFET-Pb. 2004

RAMOS, R. C. G. **Gêneros textuais: uma proposta de aplicação em cursos de inglês para fins específicos.** In: The ESPecialist, 25. 2: 107-129. PUC-SP, 2004.

SOUZA, Adriana Grade Fiori et al. (2005). **Leitura em Língua Inglesa:** uma abordagem instrumental. São Paulo: Disal.

MUNHOZ, Rosângela. (2000). **Inglês Instrumental:** estratégias de leitura. Módulo 1. São Paulo: Texto novo

TURIS, Anderson F. de A. M. Inglês instrumental- gramática descomplicada.

V.1. São Paulo: Livro Rápido, 2008.

YOUNG, Robert C. e IGREJA, José Roberto A. English for job interviews. São Paulo: Disal, 2007.

❖ **METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA (NL) – 60h**

Os PCN e o Ensino de Língua Portuguesa. Análise Linguística: uma Reflexão sobre o Ensino de Língua na Escola. Ensino de Língua e ensino de Literatura: uma dimensão interdisciplinar. O Livro Didático e o Ensino de Língua Portuguesa.

BIBLIOGRAFIA**Básica**

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília: SEF, 2001 (Parâmetros curriculares nacionais; v. 2).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores). Brasília: MEC/SEF, 2001.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Orientações Curriculares do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa e Matemática – ciclo I. São Paulo: FDE, 2008. p. 10-21.

SOLÉ, I. Estratégias de Leitura. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Complementar:

LERNER, D. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 120.

NASPOLINI, A. T. Didática de Português: tijolo por tijolo: leitura e produção escrita. São Paulo: FTD, 1996. p. 195.

❖ **HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA (NL) – 60h**

Cultura Indígena: Mito ou Realidade. Bases Históricas da Cultura Indígena, Ideologia e Visão da Cultura Indígena Brasileira. Estrutura Histórica e Social da Cultura Indígena Nacional e Cultura Indígena Regional.

BIBLIOGRAFIA**Básica:**

ASSOCIAÇÃO CARLO UBBIALI. Os índios do Maranhão: o Maranhão dos índios. São Luís-MA: Instituto EKOS, 2004.

RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1996.

VILLARES, Luiz Fernando. Direito e povos indígenas. Curitiba-PR: Juruá, 2009.

Complementar:

ARAÚJO, Ana Valéria et al. Povos indígenas e a Lei dos “Branços”: o direito à diferença. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada: LACED/Museu Nacional, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação, Referencial nacional para as escolas indígenas. 2. ed. Brasília-DF: MEC/SECAD, 2005.

_____, Ministério da Educação. Parâmetros em ação - Educação Escolar Indígena: Brasília-DF: MEC/SEF, 2002.

COELHO, Elizabete Maria Bezerra (Org.). Estado multicultural e políticas indigenistas. São Luís-MA: EDUFMA, CNPq, 2008.

GOMES, Mércio Pereira. O índio na história: o povo tenetehara em busca da liberdade. Petrópolis- RJ: Vozes, 2002.

GRUPIONE, Luis Doniset Benzi (Org). Educação escolar indígena. As Leis e a Educação Escolar Indígena. 2. ed. Brasília-DF: MEC/SECAD, 2005.

❖ **PROJETOS DE PESQUISA (NL) – 60h**

Trabalho científico: Tipos e etapas. Estruturação do projeto de pesquisa. Planejamento e fundamentação do projeto de pesquisa. Coleta e análise dos dados. Redação preliminar do relatório.

BIBLIOGRAFIA:

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo, SP: Atlas, 1991. 270 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 1986. 237 p.

BOAVENTURA, Edivaldo M.. **Como ordenar as ideias**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997. 59 p

GONSALVES EP. **Iniciação à Pesquisa Científica**. Ed Alínea, 4ed revisada, 2007

LUNA SV; **Planejamento de Pesquisa**. Uma introdução. Ed PUCSPE duc. 2006

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

6.9.4 Prática como componente curricular

Art. 12 A prática curricular está organizada em um total de 405(quatrocentos e cinco) horas \ aula, equivalentes a 09(nove) créditos, distribuídas a partir do segundo período de acordo com o projeto de cada curso.

Parágrafo único. Para orientação, avaliação no processo e avaliação final que acontecerão durante as reuniões em classe, de acordo com cronograma estabelecido pelo professor orientador, está prevista uma carga horária de 45 horas/aula em cada período.

6.10 Atividades Acadêmico-Científico-Culturais

Considerando o estabelecido pelo Conselho Nacional de Educação, mediante o Parecer CP/28/2001 e a Resolução do CNE/CP/02/2002, bem como o disciplinamento desta Universidade pela Resolução nº 276/2001 – CEPE/UEMA que determinam as atividades complementares como componentes curriculares obrigatórios, cabe disciplinar o regime e o controle acadêmico dessa ação didática.

As atividades acadêmico-científico-culturais do Curso de Letras do CESPE/UEMA poderão ser desenvolvidas a partir da iniciativa em convênios e parcerias com escolas e instituições educativas e empresariais mediante atividades organizadas pelo coletivo de professores, ou por iniciativa própria do aluno, considerando seus interesses e oportunidades de participar de outros eventos.

Faz-se necessário o controle individual das atividades do aluno. Esse controle será feito pela Coordenação Pedagógica do curso que organizará os comprovantes de certificação dos alunos, bem como, a carga horária de acordo com as especificações abaixo:

- ⇒ Disciplinas extracurriculares ofertadas pelo curso: 60h
- ⇒ Seminários, mesa-redonda, painéis programados pelo curso: 30h.
- ⇒ Feiras científico-culturais promovidas pelo curso: 30h
- ⇒ Curso de extensão na área de conhecimento do curso: 30h
- ⇒ Estágio extracurricular, porém vinculado ao curso: 30h.
- ⇒ Curso de leitura e interpretação em línguas/literaturas: 30h
- ⇒ Curso de atualização em computação: 30h
- ⇒ Atividades de voluntariado em eventos diversos do curso: 30h
- ⇒ Relatório de pesquisa: 30h
- ⇒ Produção coletiva de novas metodologias de ensino: 30h
- ⇒ Relatório de estudo de caso: 30h

A carga horária destas atividades acadêmico-científico-culturais é de 225 (duzentas e vinte e cinco) horas equivalente a 5 (cinco) créditos é oferecida e distribuída no oitavo (8º) período. O registro e o controle serão feitos pela coordenação da dimensão pedagógica do curso considerando a carga horária estabelecida para cada atividade mediante a comprovação de documentos entregues ao coordenador.

6.11 Estágio Supervisionado na Licenciatura de Letras

A partir do sétimo período, o aluno começa a realizar atividades de estágio supervisionado, as quais se estendem até o último período. O curso de Letras objetiva formar um profissional atuante, crítico, capaz de transitar pelas esferas do saber, aliando conhecimento, valores socioculturais e necessidades individuais dos alunos. Essa formação só pode ser atingida através de uma prática que viabilize um real contato entre estágio e instituições educacionais. É no seu local de estágio que o aluno poderá entender a significação da escola e o laço que esta possui com sua comunidade, percebendo como deve ajustar o conteúdo curricular adquirido no Ensino Superior à sala de aula do Ensino Fundamental ou Médio.

O estágio supervisionado envolve quatro momentos: prática inicial, prática intermediária, processos pedagógicos e prática docente. A prática inicial envolve observação em sala de aula Língua e de Literatura, em escolas, necessariamente, e/ou, ocasionalmente, nas Casas de Cultura. A prática intermediária e processos pedagógicos envolvem além da observação, e da pesquisa educacional, coparticipação em sala de aula. A prática docente envolve observação, coparticipação e, ao menos, uma aula supervisionada e avaliada pelo professor regente da turma da escola escolhida para estágio, a partir de documento de avaliação. Além disso, o aluno deverá dar, pelo menos, duas micros aulas em sua própria sala de aula sob supervisão e avaliação do professor de Estágio. Todas as atividades desenvolvidas ao longo do estágio devem ser relatadas em um relatório final.

Ao final da carga horário do Estágio Curricular Supervisionado o discente deverá estar apto a:

- ⇒ Planejar, executar e avaliar atividades específicas à situação do processo ensino-aprendizagem;
- ⇒ Atuar de forma crítica, no processo educacional, em questões relativas ao processo ensino-aprendizagem do conhecimento específico do Curso de Letras.

O Estágio Curricular Supervisionado, em consonância com os dispositivos legais vigentes, será realizado com uma carga horária 405 horas, com 09 créditos e será dividido por modalidade de ensino, conforme previsto na estrutura curricular de modo a possibilitar a inserção do aluno no contexto profissional, por meio da vivência de situações práticas de natureza pedagógica, destinadas a integrar o aprendizado teórico à dinâmica da docência.

O Estágio Curricular Supervisionado compreenderá a realização das atividades determinadas pelo plano de estágio mediante integralização das cargas horárias de cada uma delas, que compreenderá:

- ⇒ A fundamentação teórico-prático compreende revisão metodológica, planejamento, confecção de material, sob forma de aulas simuladas;
- ⇒ Prática docente, compreendendo atividades de observação e gestão de sala de aula;
- ⇒ Elaboração de relatório de Estágio Curricular Supervisionado.
- ⇒ São atribuições do orientador de estágio:
 - ⇒ Proceder, em conjunto com o grupo de professores de seu curso e com o Coordenador da Dimensão Pedagógica, à escolha dos locais de estágios;
 - ⇒ Planejar, acompanhar e avaliar as atividades de estágio juntamente com o estagiário e os profissionais colaboradores do campo de estágio;
 - ⇒ Exercer outras atividades diretamente relacionadas ao âmbito de sua competência.
- ⇒ São atribuições do Coordenador de Estágio:
 - ⇒ Coordenar, acompanhar e providenciar, quando for necessária, a escolha dos locais de estágio;
 - ⇒ Solicitar assinatura de convênios e cadastrar os locais de estágios;
 - ⇒ Apoiar o planejamento, o acompanhamento e a avaliação das atividades de estágio;
 - ⇒ Promover o debate e a troca de experiência no próprio curso e nos locais de estágio;
 - ⇒ Manter registros atualizados sobre o/os estágio (s) no Curso de Letras.

O Estágio Curricular Supervisionado ocorrerá em instituições que tenham condições de propiciar a experiência prática, orientada por profissional devidamente habilitado. Só poderão ser aceitos como estagiários os alunos regularmente matriculados, que preencham todos os requisitos para a realização do Estágio

Curricular Supervisionado. A participação no Estágio Curricular Supervisionado será formalizada mediante termo de compromisso, celebrado entre os alunos e a instituição concedente, com a interveniência do CESPE/UEMA.

A carga horária total do Estágio Curricular Supervisionado é de 405 horas, sendo 225 horas no Ensino Fundamental, cabendo à coordenação de estágio a gestão sobre a divisão dessa carga horária que poderá ter abrangência na: Educação Infantil, séries iniciais/finais do Ensino Fundamental, Educação Fundamental Inclusiva, Educação Fundamental – EJA. A carga horária do Estágio Curricular Supervisionado para o Ensino Médio é de 180 horas, podendo ter abrangência na: EJA, Educação Inclusiva e Ensino Regular em nível médio. Com relação aos alunos que exerçam atividade docente regular na educação básica poderão ter redução da carga horária do estágio curricular supervisionado, obedecendo-se ao determinado pela Resolução CNE/CP 02, de 19 de fevereiro de 2002 e pela Resolução nº 1045/2012 – CONSUN/UEMA, até o máximo de 180 horas, na educação básica, mediante apresentação de documento comprobatório encaminhado à Coordenação de Estágio do Curso de Letras a fim de que seja avaliado, conforme critérios estabelecidos por aquela Coordenação.

Caberá ao Orientador de Estágio a avaliação de aprendizagem do estagiário, a qual incluirá uma atividade de fundamentação teórico-prático, prática de docente e relatório de estágio, em que serão atribuídas notas de zero a dez, a cada uma, independentemente. A avaliação do estágio curricular deverá ser sistemática e contínua, tendo em vista o cumprimento de todas as atividades programadas no plano de estágio, inclusive a elaboração dos relatórios parcial e final de estágio, considerando-se também:

- ⇒ Domínio do conhecimento científico;
- ⇒ Conduta e ética profissional;
- ⇒ Responsabilidade;
- ⇒ Capacidade de detectar problemas e propor soluções;
- ⇒ Pontualidade e assiduidade;
- ⇒ Interesse, iniciativa e cooperação.

Constitui obrigatoriedade, por parte dos estagiários, o cumprimento das seguintes atividades:

- ⇒ Registrar, em fichas específicas, a frequência e os trabalhos realizados nos campos de estágio, as quais devem ser visadas pelo supervisor técnico;

- ⇒ Elaborar, ao final do estágio, o Relatório de Estágio Curricular, documento descritivo de experiência vivenciada no estágio, de acordo com as diretrizes elaboradas pelo orientador de estágio;
- ⇒ Seguir as normas estabelecidas para o estágio.

Ao estagiário, que comprovadamente exerça a profissão docente, será facultado até no máximo o aproveitamento de 180 horas da carga horária, conforme. À estagiária gestante, beneficiada pela Lei nº 6.202/75, assim como aos estagiários beneficiados pelo Decreto nº 1.044/69, não será permitida a realização de Estágio Curricular sob forma de exercícios domiciliares. O Estágio Curricular Supervisionado é presencial, sendo a frequência do estagiário obrigatória em todas as atividades. Recomenda-se que em ambos os casos os acadêmicos-(as) requeira o trancamento de matrícula, se este for possível.

6.12 Pesquisa e extensão no curso de Letras

Pensar a universidade a partir de seus objetivos básicos de formação profissional, geração de novos conhecimentos e disseminação desses conhecimentos é um processo complexo face à natureza e diversidade do trabalho acadêmico. Inserida neste contexto está a extensão universitária, que apresenta uma diversidade conceitual e prática que interfere expressivamente no “pensar” e no “fazer” no interior da Universidade.

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. É uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração das práxis de um conhecimento acadêmico, condição fundamental para a formação plena dos profissionais de nível superior, como exige a sociedade no atual cenário da globalização.

Além das atividades de ensino, a UEMA também oferece à comunidade atividades de extensão, por meio de uma integração com os projetos e programas do Estado, de modo a efetivar, cada vez mais, a participação da Universidade no desenvolvimento social, econômico e político e cultural da sociedade maranhense.

Na UEMA, a extensão universitária tem dois eixos focais: A integração com os programas e projetos do Governo, de modo a contribuir para o desenvolvimento

sustentável do estado; com a integração da sociedade, na condição de órgão público comprometido com a educação e o bem-estar social, pelo qual busca atender, nas áreas de sua competência, às principais demandas das comunidades onde se encontra inserida.

Durante sua trajetória acadêmica, a UEMA tem empreendido centenas de ações extensionistas sob a forma de eventos culturais, técnicos e científicos, promovendo grandes e pequenos seminários, fóruns, encontros, simpósios e cursos de extensão envolvendo os três segmentos acadêmicos e milhares de pessoas dos diferentes municípios maranhenses onde se localizam os Centros de Estudos Superiores.

Assim entende-se que a revitalização do ensino no curso de Letras passa pelo desenvolvimento de projetos nas seguintes linhas de pesquisa:

- ⇒ Linguística – implicações do processo de letramento;
- ⇒ Língua Portuguesa – dificuldades do processo de leitores e de produtores de textos;
- ⇒ Literatura – análise do processo de recepção do texto e pesquisa de caráter histórico literário e montagem de acervo.

O CESPE/UEMA pretende criar Núcleos de Estudos coordenados por professores de cada área de concentração, com a intenção de expandir o trabalho de pesquisa com professores que atuam no ensino básico na região de Pedreiras, com isso sistematizar as atividades de investigação em duas linhas gerais: Língua e Literatura.

6.13 Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

De acordo com as Normas Gerais do Ensino de Graduação aprovadas pela Resolução nº 1045/2012 – CONSUN/UEMA, artigos 88 a 94, para efetivar a conclusão do Curso de Graduação na UEMA será exigido um trabalho de conclusão do curso, trabalho destinado a cumprir uma tarefa acadêmica e com caráter de produção científica, imprescindível à formação profissional.

Na medida do possível, o TCC deve ser orientado por um professor/orientador voltada ao conteúdo das disciplinas cursadas ou assunto de interesse dos alunos, mas que seja capaz de consolidar as atividades desenvolvidas no curso, desenvolvendo a vocação didático-científica dos graduandos.

Neste Projeto precisa ser esclarecido, que o acadêmico é livre para escolher o tema com o qual ele deverá ter bastante afinidade; o acadêmico também é livre para escolher o seu orientador, que de acordo com as Normas Gerais de Ensino de Graduação da UEMA: Resolução, 1045/12 – Art. 91 § 3º Poderão orientar trabalhos de conclusão de curso professores não pertencentes aos quadros da UEMA, desde que haja afinidade entre a especialidade do orientador e o tema proposto, e seja comprovada a sua condição de professor universitário por declaração da IES de origem, ficando as **despesas** advindas dessa orientação sob a responsabilidade do acadêmico. § 4º O documento de que trata o parágrafo anterior deverá ser entregue à direção do curso junto com o projeto de TCC.

Antes de conseguir o diploma, muitos estudantes precisam enfrentar o último desafio: o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Além de cumprir todas as disciplinas obrigatórias do currículo, a graduação em Matemática do CESPE/UEMA, exige ainda que o aluno apresente um trabalho final que pode ser uma Proposta pedagógica ou uma Monografia obedecendo os seguintes critérios. (Tabela 1):

TCC	QUANT. DE PESSOAS	TEPO MÍNIMO	TEMPO MÁXIMO	ARGUIÇÃO
PROPOSTA	ATÉ 3 PESSOAS	30 MINUTOS	45 MINUTOS	15 MINUTOS
MONOGRAFIA	APENAS 1 PESSOA	25 MINUTOS	35 MINUTOS	15 MINUTOS

Considerando que na defesa de uma proposta se tenha três pessoas para realizar a exposição do trabalho, o tempo poderá chegar até 45 minutos, neste caso a banca terá 5 minutos para as respostas à arguição por cada componente. Observando o tempo que não poderá ultrapassar os 60 minutos. Um outro caso que precisa ser considerado, consta no artigo 90 das normas gerais de graduação da UEMA, que diz: O estudante só deverá requerer à Direção do Curso ou Coordenadoria sua inscrição para realização do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, quando este não estiver em débito com as disciplinas do currículo objeto de seu trabalho, observado o prazo máximo de integralização curricular.

O trabalho de conclusão de curso é um processo demorado e exige dedicação. o tempo mínimo para a execução de um bom projeto é de um ano. Vai desde a escolha do tema, com o qual o aluno deve ter afinidade, até as últimas revisões de normas e padronizações no texto. A afinidade com o tema é essencial para o resultado final. O aluno deve escolher uma área pela qual tem interesse ou já desenvolveu algum projeto durante a graduação. O professor/orientador deve ter o

compromisso com a revisão do TCC do aluno e o discente deve cumprir com o calendário de revisão das partes já elaboradas, obedecendo aos seguintes critérios: final de 4 meses, 50% para revisão. No final de 7 meses, 80% para revisão. No final de 10 meses o trabalho já deve estar fechado em 100%, para revisão, seguindo os critério de defesa, o aluno deve imprimir originalmente 3 vias que deverá ser encadernadas em espiral e entregues ao professor/orientador obedecendo as datas publicadas pelo CESPE, após a defesa e aprovação pela banca o formando receberá a data limite para reavaliar o seu TCC, imprimir 2 vias originais que serão encadernadas em brochura e entregues na biblioteca do CESPE este é um dos itens obrigatórios para poder colar grau.

Necessário se faz saber que a Banca Examinadora será composta por 3 (três) professores, o professor orientador ocupará a presidência, ao lado de 2 (dois) professores indicados pelo colegiado do curso, considerando que estes componentes já tiveram previamente contato com o material a ser exposto pelo orientando, este conhecimento prévio contribuirá para uma melhor organização e correções de possíveis erros no trabalho, haja vista o tempo de arguição por componente ser de apenas 5 (cinco) minutos.

7 RECURSOS HUMANOS

7.1 Corpo docente

O corpo docente do Curso de Licenciatura em Letras constitui-se de: 04 (quatro) professores conforme especificados no quadro abaixo.

Nome	Regime			Titulação	Situação Funcional		Disciplina
	20h	40h	TIDE		Contrato	Efetivo	
Lucélia de Sousa Almeida	X			Mestrado	X		Literaturas e Língua Port. no mundo
Marco Aurélio Godinho Rodrigues	X			Mestrando	X		Estágios e TCC

Hélio de Jesus dos Anjos Pinto	X			Especialista	X		Libras e Sociologia
Elane da Silva Plácido	X			Especialista	X		História da Literatura

7.2 Gestão acadêmica

O curso de Letras do CESPE/UEMA faz parte do Conselho de Centro e Colegiados Superiores, por meio de um representante da direção, além de possuir o seu próprio colegiado de Centro, para o assessoramento didático-pedagógico, composto pelo diretor na qualidade de presidente e representantes dos cursos, na razão de um docente por cada quatro disciplinas e um representante do corpo discente por habilitação. A organização, funcionamento e competências são definidos no regimento da UEMA.

7.3 Técnicos administrativos

O corpo técnico do Curso de Letras da CESPE/UEMA está constituído conforme especificado no quadro abaixo.

NOME	FUNÇÃO
Carmem Lucia de Moraes Costa	Diretora do CESPE
Francisca Cilene Franco da Silva	Diretora de curso
Michael Hudson Rodrigues Guimarães Sousa	Diretor de curso
Yeda Kelly do Nascimento Alencar	Secretária
Marcela Catarine de Moraes Pereira	Chefe da Biblioteca
Vanderleia Ximenes do Prado	Ch. Regst. Cont. acadêmico

7.5 Acervo bibliográfico

A biblioteca possui atualmente cerca de 210 (duzentos e dez) exemplares relacionados à área de Letras. Além disso, existe um projeto para a ampliação da Biblioteca com documentos já encaminhados no segundo semestre de 2012, para UEMA e que aguarda uma resposta até dezembro/14.

7.6 A infraestrutura do curso

BLOCO – TÉRREO		
Descrição	Quant.	Área
ACESSO PRINCIPAL	01	16,10m ²
VIVÊNCIA	01	135,40m ²
CANTINA	01	3.500m ²
LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA	01	7,85m ²
WC MASCULINO	01	2,12m ²
WC FEMININO	01	2,12m ²
WC PNE	01	03,52m ²
AUDITÓRIO	01	30,80m ²
SALAS DE AULA	06	7,19m ²
SALA DE SECRETARIA	01	5,50m ²
SALA DE DIRETORIA	01	4,11m ²
BIBLIOTECA	01	06,72m ²

MATERIAIS E RECURSOS	
Descrição	Quant.
DATA SHOW	02
COMPUTADORES	13
TELEVISÕES	02
AR CONDICIONADO	08
ESCRIVANINHAS	08
GELADEIRA	01
BEBEDOURO	01
CARTEIRAS DE ALUNOS	130
ARMÁRIOS	08
IMPRESSORA	02
QUADRO DE PINCEL	06
MESA DE PROFESSOR	06

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Pedagógico do Curso de Letras do CESPE/UEMA se propõe a atender a comunidade de Pedreiras e adjacências em suas necessidades essenciais, quais sejam o domínio da expressão, quer como meio de comunicação, quer como veículo de criação.

O Curso de Letras do CESPE/UEMA busca, em suas metas, atender às aspirações de crescimento profissional, formando o professor de línguas e com isso produzindo o ensino através de um currículo que propõe dar a formação intelectual e o aprimoramento do gosto através da educação e da sensibilidade. A fim de ampliar o horizonte de suas atividades, o Curso vem estendendo o raio de atividades com os trabalhos de extensão e pesquisa, buscando envolver o cidadão e, particularmente, os jovens, num ritmo de realizações que lhe ofereçam perspectivas mais promissoras para o futuro.

Portanto o nosso Projeto Político Pedagógico, quer fazer um convite para que os alunos, professores e funcionários coloquem seus olhares reflexivos sobre o curso de Letras, como também, tomar conhecimentos sobre o que é possível e o que efetivamente fará no sentido de transformar a sociedade, maximizando os objetivos propostos.

As partes contidas neste projeto tentam abarcar os pontos necessários para suscitar reflexões acerca do curso de Letras do CESPE/UEMA, repensá-lo, transformá-lo e torna-lo realmente atuante e significativo na comunidade pedreirense a qual pertence.

O Projeto Político Pedagógico do curso de Letras é a identidade formal e moral e, também, o caminho que buscamos trilhar na contemporaneidade no uso da língua e a literatura portuguesa de forma que venha contemplar a região de Pedreiras e o médio mearim.

REFERÊNCIAS

- BAKTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **Leitura, leitores, letrados e literatura**. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRASIL**. Lei nº 9.394/96. Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria do Ensino Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer CNE/CEB nº 28/2001.
- _____. Parecer CNE/CEB nº 15/98. Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio.
- _____. Resolução CNE/CEB nº 03/98. Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio.
- _____. Parecer CNE nº 492/2001. Diretrizes Curriculares para os cursos de Letras.
- _____. Resolução CNE/CES nº 18/2002. Diretrizes Curriculares para os cursos de Letras.
- _____. Parecer CNE/CP nº 009/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.
- _____. Resolução CNE/CP nº 001/2002. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.
- _____. Parecer CNE/CP nº 021/2001. Duração e carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.
- _____. Parecer CNE/CP nº 028/2001. Dá nova redação ao Parecer CNE/CP nº 021/2001.
- _____. Resolução CNE/CP nº 002/2002. Duração e carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.
- DELVAL, Juan. Teses sobre o construtivismo. In: RODRIGO, Maria José. & ARNAY, José. (Orgs.) **Conhecimento cotidiano, escolar e científico: representação e mudança – A construção do conhecimento escolar 1**. São Paulo: Ática, 1998.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1997.

FERREIRA, Francisco W. **Planejamento sim e não**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez, 1995.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Escola e transformação social**. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **Planejamento como prática educativa**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. **Literatura e vida nacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Conselho Universitário. Resolução nº 100/92 – CONSUN/UEMA.

_____. Resolução nº 310/2002 – CONSUN/UEMA.

_____. **Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução nº 050/97 - CEPE/UEMA.**

_____. Resolução nº 203/2000 - CEPE/UEMA.

_____. Resolução nº 315/2001 - CEPE/UEMA.

_____. Resolução nº 344/2002 - CEPE/UEMA.

ANEXOS

ANEXO -

EQUIVALENCIA ENTRE 2012 A 2015 E AS DISCIPLINAS NOVAS

Quadro 1 – Equivalência entre disciplinas dos currículos 2012 e 2015						
CURRICULO 2012			CURRICULO 2015			
Cód.	Nome	CH	Cód.	Nome	N	CH
9A2010	Teoria Literária	60		Teoria Literária. Introdução aos estudos literários e o gênero lírico/épico	NC L	60
9A3017	Estrutura e Funcionamento da Educação Básica	60		Política Educacional Brasileira	NC	60
9A4043	Sociologia	60		Sociologia da Educação	NC	60
9A1001	Filosofia	60		Filosofia da Educação	NC	90
9A1007	Psicologia da Educação	60		Psicologia da Aprendizagem	NC	60
9A3032	Linguística Moderna	60		Sociolinguística	NE	60
9A3037	Crítica Literária	60		Teoria Literária. Correntes da crítica literária e o gênero dramático	NC L	60
9A5053	Literatura Brasileira (das origens ao romantismo)	60		Literatura Brasileira (das origens ao arcadismo)	NE	60
9A6057	Literatura Brasileira (do realismo ao pré-modernismo)	60		Literatura Brasileira (do romantismo ao realismo)	NE	60
9A1005	Literat. Bras.(do modernismo as tendências Contemporâneas)	60		Literatura Brasileira (tendências Contemporâneas)	NE	60
	Metodologia do Ensino de LIBRAS	60		Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS	NC	60
9A6056	Língua Portuguesa no Mundo	60		Lusofonia	NC L	60
9A7063	Fundamentos da Educação Especial	60		Educação Especial e Inclusiva	NL	60
9A5052	Literatura Portuguesa (do modernismo as tend. contemporâneas)	60		Literatura Portuguesa (do simbolismo as tend. Contemporâneas)	NE	60
NOVAS DISCIPLINAS						
				Literaturas Africanas de Língua Portuguesa	NC L	60
				Produções Acadêmico-Científico	NC L	60
				Literatura Maranhense	NE	60
				Linguística Aplicada	NE	60
				Literatura Brasileira (do simbolismo ao modernismo)	NE	60
				História e cultura indígena	NL	60
				Análise do discurso	NC L	60
				Projetos de pesquisas	NL	60

APÊNDICES

